

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Abril de 2018

**Emílio Moura,
o poeta que
uniu gerações
de escritores
mineiros**

**O talento múltiplo
de Rubem Alves**

**Fábio Lucas,
crítico literário
com foco no social**

**O rico poder das
águas minerais**

Eros Grau e o tempo

E MAIS:

Crônicas, poemas, conto

19

SUMÁRIO



CAPA

Nossa rica água mineral

Outrora conhecidas por epítetos como “ambrosia dos deuses”, “águas virtuosas” ou “águas santas”, as águas minerais de Minas Gerais são fonte de cura e de desenvolvimento econômico, ainda que nem sempre valorizada como merecia. Sua maior concentração está no Circuito das Águas, no sul de Minas, e em Araxá, no Triângulo Mineiro.

Os “parques das águas” dessas cidades sempre atraíram visitantes ilustres, como a Princesa Isabel, que foi buscar ali a cura de sua infertilidade, e Getúlio Vargas, que ali descansava de seus afazeres de ditador.

Caxambu, antes conhecida por Águas Virtuosas de Baependi, homenageou a família real com a “Fonte Dom Pedro”, que ilustra nossa capa; em São Lourenço, escultura homenageia a deusa das águas, que ilustra nossa quarta capa.

Leia reportagem na página 36.

As aquarelas são de Sandra Bianchi.



CRÔNICAS

Passado e futuro não existem

Eros Roberto Grau

4



O sentido da vida e a ética da alteridade

José Fernandes Filho

6



ENSAIOS

Emílio Moura

Sem a vida sonhada, o poeta contou à nova geração as histórias do modernismo mineiro

Gutemberg da Mota e Silva

8



As múltiplas faces de Rubem Alves

Rogério Medeiros Garcia de Lima

16



HOMENAGEM ESPECIAL

Fábio Lucas, crítico literário comprometido com o contexto social

Manoel Marcos Guimarães

22



Glosas para o Decálogo de Quiroga

Fábio Lucas

26

POESIA

Ode a Araxá

(O lugar onde primeiro se avista o sol)

Renato Jardim

28



Acalanto

José Maria Vieira Starling

29



Como se fosse o salmo 23

Llewellyn Medina

30



POESIA

Dois poemas

Elson de Paula e Silva

31



Dois poemas

José Arthur de Carvalho Pereira Filho

32



Três sonetos

Aluízio Alberto da Cruz Quintão

33



CONTO

De repente abriu-se a janela

Fernando Armando Ribeiro

34



REPORTAGEM

**Patrimônio de Minas,
águas minerais
são fonte de renda e de cura,
sem milagres**

36

EDITORIAL

Entre o êxodo e o exílio

Houve um tempo em que o sonho de intelectuais, artistas, jornalistas e outros profissionais mineiros era migrar para centros maiores e mais avançados, para ver seu trabalho reconhecido e valorizado.

Houve outro tempo em que mineiros, mesmo não querendo, foram obrigados a deixar Minas, pressionados por ditaduras que temiam, mais do que tudo, o poder das ideias.

Tanto em um quanto em outro caso, houve mineiros que resistiram e ousaram ficar, e aqui mesmo em Minas se viram reconhecidos, valorizados e fizeram prevalecer suas ideias, ainda que contra a vontade dos poderosos.

Na presente edição de MagisCultura, nossos magistrados focalizam a vida e a obra de ilustres personagens que estão em um ou outro caso, seja como exemplo, seja como exceção.

É o caso de Emílio Moura, o poeta que não seguiu o caminho de seus colegas modernistas e aqui ficou, contando às novas gerações os feitos dos que migraram.

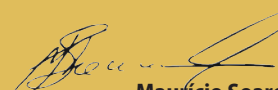
É o caso de Fábio Lucas, o agudo e arguto crítico literário, forçado pelo AI-5 a desenvolver sua carreira fora daqui, o que fez com brilhantismo.

É o caso do múltiplo Rubem Alves, que foi penar sua solidão montanhosa em outras plagas, até ser reconhecido como pensador, poeta, escritor e muito mais.

Por outro lado, da mesma maneira que exportou talentos, Minas sempre soube também acolher os filhos adotivos, como o ministro Eros Grau, que enriquece nossa edição com bela reflexão sobre o tempo.

Esta é a Minas Gerais de que nos orgulhamos e que continua cumprindo seu papel histórico de ponto de equilíbrio da nação e distribuindo sua riqueza aos brasileiros, como fez ontem com o ouro e a rebeldia dos inconfidentes e faz hoje com o talento de seus intelectuais e o seu ainda rico patrimônio natural, como nossas águas minerais, que servem de inspiração à nossa capa.

Boa leitura!


Maurício Soares
Presidente

MagisCultura
Mineira

Amagis • Diretoria Triênio 2016-2018

Presidente: Desembargador Maurício Torres Soares

Vice-presidente Administrativa: Juíza Cristiana Martins Gualberto Ribeiro

Vice-presidente Financeiro: Desembargador Alberto Diniz Junior

Vice-presidente de Saúde: Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

Vice-presidente do Interior: Juiz Antônio Carlos Parreira

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Juiz Ricardo Torres Oliveira

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Juiz José Martinho Nunes Coelho

Diretor-secretário: Juiz Christyano Lucas Generoso

Subdiretora-secretária: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Diretor de Comunicação: Juiz Christyano Lucas Generoso

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTB - MG 11008)

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e Escritor Carlos Herculano
Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel G. Magalhães (rachel@belohorizonte.com)
Ilustrações: Sandra Bianchi (sandrabianchi@gmail.com)

Impressão: Rona Editora
Tiragem: 2.300 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa



Passado e futuro não existem

Eros Roberto Grau

Ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Advogado(*)

O tempo não existe, é ficção. Andei, andarei, ando por aí – aqui e ali – sobrepondo realidade e ficção. Indo para além e para aquém do tempo, como agora – embora não saiba o que é o tempo e o que é o agora!

Perco-me, mas me reencontro em Santo Agostinho, nas *Confissões*, Livro décimo primeiro, capítulo XIV. O que é o tempo lá está – mas não está...

Quando falamos do tempo compreendemos o que dizemos. Tal e qual acontece quando ouvimos alguém falar do tempo. Se ninguém me perguntar o que é o tempo, eu sei. Mas se me perguntarem o que ele é, já não sei o que dizer. É certo, contudo, que se nada passasse não haveria tempo passado; se não houvesse o que acontecerá, não haveria tempo futuro; se nada existisse agora, não haveria tempo presente. Como então – pergunta Agostinho – podem existir o passado e o futuro, se o primeiro já não existe e o outro ainda não chegou? Quanto ao

presente, se continuasse sempre presente e não se transformasse em passado, não seria tempo, seria eternidade. Daí que, se o presente – para ser tempo – há de tornar-se passado, não podemos afirmar que existe. Sua razão de ser é a mesma em função da qual deixará de existir...

Tudo quanto acabo de afirmar é transcrição de Agostinho. Repetido no entanto quase ingenuamente, no enlace da filosofia com a música. Ouço Léo Ferré a afirmar que com o tempo vai, tudo se vai (*avec le temps va, tout s'en va*). Sei bem que – qual diz a canção de Nelson Motta e Lulú Santos – nada do que foi será. Mais, que o Tempo não para no porto, não apita na curva, não espera ninguém, como (en)canta o Reginaldo Bessa, um músico lá de onde nasci, o Rio Grande do Sul. Onde tudo que se planta cresce e o que mais floresce é o amor.

Filosofia e música se enlaçam lá em cima, no Paraíso. Lá aonde irei novamente ler, no Eclesiastes 3, que tudo tem o seu tempo e há tempo para todo propósito sob o céu. Há um tempo de nascer e um tempo de morrer, um tempo de plantar e um tempo de colher o que se plantou.

Tempo para um delírio meu, no qual afirmei – em um conto, *A sibipiruna fustigada pelo frio*, inserido no *A(s) mulher(es) que eu amo* – que ele, o tempo, é uma convenção e os acontecimentos não são encadeados, não se seguem uns aos outros. Menos ainda consequentes. Nada impede que o antes ocorra depois e um estalar de dedos, de repente, seja mais longo do que a eternidade. Um dia um sujeito inventou um descompressor do tempo, mexeu no lugar errado e pum! Fomos parar diretamente na Antiguidade, sem pré-história.

Loucura? Não sei. Saberei somente quando chegar ao céu. O céu é uma cidade de férias, férias boas que não acabam mais, como no lindo poema do Álvaro Moreyra, outro gaúcho também!

Embora o tempo não exista – desejo em tempo repeti-lo – conseguirei então, lá em cima, compreender Santo Agostinho!

“É certo, contudo,
que se nada passasse
não haveria tempo
passado; se não
houvesse o que
acontecerá, não
haveria tempo futuro;
se nada existisse
agora, não haveria
tempo presente.”

(*) Convidado especial de *MagisCultura*



O sentido da vida e a ética da alteridade

José Fernandes Filho

Desembargador do TJMG, aposentado

Todos nos perguntamos, a certa altura da existência, qual o sentido da vida. Alguns se perguntam cedo, a tempo de aviventar rumos ou evitar atalhos. Outros se indagam mais tarde – sempre será tempo – quando nada como preparação para o inexorável questionamento sobre o **depois**.

Reféns de arsenal de medicamentos, ditos miraculosos, respondem alguns que importa viver muito, longamente. Tentam prolongar a vida, sabidamente finita, **passagem** somente.

Viver intensamente, fruindo-se todos os minutos e segundos, é a resposta de outros, atores frenéticos no trabalho, na família, até no lazer.

A poucos acode responder que importante é viver plenamente, nas potencialidades e limites de cada um, e não por muito tempo, nem em ritmo que alucina antes de libertar.

É possível, ainda, que outros se façam diferentes perguntas e obtenham diversas respostas. No fundo, variações dos mesmos questionamentos, diante dos seus fundamentos, semelhantes ou iguais.

Rica de sentido será a vida alicerçada em gestos e ações que diferenciem os viventes, distinguindo uns dos outros. Afinal, exorcizada a mesmice, que a todos iguala, somos convocados ao serviço e ao crescimento pessoal, dimensão de nossa luz interior.

Interagindo, vivendo e convivendo, atingimos, um dia, o ponto abissal da relação interpessoal: contextualizados, não estamos sós; ao nosso lado estão outras pessoas, com as quais conviveremos.

“Rica de sentido será a vida alicerçada em gestos e ações que diferenciem os viventes, distinguindo uns dos outros.”

Inseridos em espaço necessariamente plural, abrigo nosso e de outros, mergulhamos no movediço cotidiano, de luzes e sombras: seremos do tamanho de nossas ações – grandes ou pequenos – iguais a elas.

Nessa convivência, nesse **viver com**, podemos crescer e, crescendo, fazer crescer aqueles com quem convivemos. Ou, não crescendo, **minguando**, impedir-lhes o crescimento, ato de desamor. **Viver** não é difícil – a maioria sobrevive. Tarefa pesada é **conviver**, pois não somos iguais, mas diferenciados. Daí a medida do desafio: cômoda a convivência dos iguais; perturbadora, de avanços e recuos, a convivência entre diferentes.

Nem sempre nos damos conta de que, viventes e conviventes, operamos mudanças, para o bem ou para o mal. Seremos capazes de erguer catedrais, desafiando alturas e céus, ou não passaremos de tristes coveiros, condenados à escuridão.

A estrada por onde caminharemos tem andarilhos solidários, que aquecem e iluminam. Também transitam por ela cultores da indiferença, introjetados e ensimesmados. Estes, os da indiferença, serão tão ou mais pobres quanto os semeadores de dúvidas.

De qualquer forma, caminhante, vivente ou convivente, o ser humano só se realiza quando, saindo de si, se entrega ao **outro**, seu próximo, por quem se tornou responsável. Responsabilidade que não pode ser inferida somente por atos e ações ocorrentes no mundo exterior. Forma evangélica de autêntica responsabilidade, a silenciosa solidariedade dos monges e trapistas não é mensurável pelas limitadas medidas dos homens. A verdadeira solidariedade pressupõe estado de espírito permanente, que cobra e acicata. Sempre, hoje e amanhã; aqui e alhures.

Enquanto não se abrir para o outro, com quem convive, o ser humano não estará concluído. Permanecerá inacabado, sem condições de enfrentar o frio das madrugadas e o rigor das noites inquietadoras. Somente com entrega amorosa, que enxergue e abarque o outro, seu convivente, de quem nada cobrou, somente assim o vivente será homem completo e acabado, participe da dor e da alegria do mundo. Olhará para trás, sem remorso, e para frente, sem se questionar sobre o **depois**. **Viveu e conviveu**. Descobriu-se na sua humanidade, autêntica, irretocada. E ao outro descobriu, na sua singularidade. Viveu em comunhão, deu sentido à vida, praticou a ética da alteridade. Não lhe bastou viver; esbanjou-se no **conviver**, **viveu com**. Não foi herói, nem anjo, nem santo. Somente homem. Homem integral.



Emílio Moura

Sem a vida sonhada, o poeta contou à nova geração as histórias do modernismo mineiro

Gutemberg da Mota e Silva

Desembargador do TJMG, aposentado

Viver não dói. O que dói
É a vida que se não vive.
Tanto mais bela sonhada,
Quanto mais triste perdida.
(Emílio Moura)

No poema “Canção”, do livro *Cancioneiro* (1944-1945), o poeta Emílio Moura – autor de livros de tiragens limitadas e, consequentemente, de obra pouco conhecida – diz que viver não dói, mas, sim, a vida que não se vive. Em outro poema do mesmo livro, “Lamento em voz baixa”, afirma: *A vida que não tive / morre em mim até hoje*. E, em “Vida sonhada”, da mesma obra: *O que me espanta na vida, / a que nunca foi vivida, / não é sabê-la perdida. / É ver que tudo vem dela, / vive nela*.

Prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Livro (1970), com a coletânea *Itinerário Poético*, contendo sua obra poética, e um dos poucos modernistas mineiros que não migraram, principalmente para o Rio de Janeiro, como Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Pedro Nava, Cyro dos Anjos, Aníbal Machado, da notável geração literária dos anos 1920, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, da seguinte, ele certamente ainda lamentaria, perto do fim, em 1971, não ter vivido a vida que poderia ter sido e que não foi, como no verso de Manuel Bandeira.

É o que se depreende da afirmação do biógrafo Humberto Werneck de que, “já no final da vida, deplorava não ter saído. Você publica um livro, dizia ele, e não acontece nada; tem fôlego para mais um, que também despenca no vazio; mas já não se anima a escrever o terceiro. No Rio ou em São Paulo, acreditava Emílio Moura, havia sempre uma palavra, a favor ou contra, não importa – e isso é que mantinha acesa a chama do escritor.” (O desatino da rapaziada)

Em entrevista radiofônica a Lya Cavalcanti em 1954, Drummond, líder não assumido dos modernistas mineiros, dando “um quadro da atividade literária da província dos anos 20”, afirma que “a gente escreve um poema”, uns “três ou quatro amigos o leem na roda do café sentado, e comentam: gostei, não gostei, fraquinho, ótimo, convém mudar este verso”. A revista o publica daí a um mês. “Mais três ou quatro pessoas dizem que o leram, e arredonda-se o vácuo em torno de nossa criação sofrida e amada, que nos daria a glória”. (Tempo Vida Poesia).

Os rapazes do Café Estrela

Fundador, em 1925, com Drummond, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo, de *A Revista*, primeira publicação modernista mineira, Emílio Moura integrava o grupo de intelectuais do *Café e Confeitaria Estrela* (mais bar do que café, dizia-se) e, também, do *Bar do Ponto* (mais café do que bar), na lendária Rua da Bahia, em Belo Horizonte.

Neles Emílio se reunia, com vários outros pejorativamente chamados de “futuristas”, como Drummond, Martins, Canedo, Abgar, Pedro Nava, Milton Campos, Gustavo Capanema, Gabriel de Resende Passos, Alberto Campos e João Alphonsus de Guimaraens. Ao apresentar, em maio de 1978, a edição fac-similada de *A Revista*, Nava relata que a eles se juntaram depois Cyro dos Anjos, Guilhermino César e Ascânio Lopes Quatorzevoltas.

A maioria dos modernistas daqueles anos migrou. Emílio era dos últimos remanescentes do Grupo do Estrela na capital. No poema “O poeta irmão”, Drummond disse: “Mineiros há que saem. E mineiros que ficam. / Este ficou, de braços longos para o adeus. / Em Belo Horizonte, rumor sem verdes, é água pura / a permanência de Emílio Moura.” (As impurezas do branco). Werneck afirma que Emílio “haveria de costurar todas as gerações literárias de Belo Horizonte ao longo de meio século – do velho *Diário de Minas do PRM* [Partido Republicano Mineiro] ao *Suplemento Literário do Minas Gerais*, criado por Murilo Rubião em 1966”, sendo adotado pelos rapazes, desprezada a diferença de idade.

Histórias contadas à geração mais nova

Pedro Nava, que saiu em 1931 e em 1933 se fixou no Rio como médico, relatou em *Beira-mar* que, nas conversas no Estrela, “nosso Emílio era o juiz arguto de tudo que se dizia, nunca perdendo a calma a não ser quando esbarrava em opinião contra o Atlético Mineiro que era o seu clube [frequentava estádio]. Via tudo com olhos mansos que pareciam não ver nada à sua frente. Guardava tudo que contavam. Quando deixamos Belo Horizonte, ele, que lá ficou, gostava de repetir nossas histórias à geração mais nova. Assim nossa memória prolongou-se amiga em Fernando Sabino, Oto (sic) Lara Resende, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos, Murilo Rubião, Alphonsus de Guimaraens Filho. Parece

que referidos pelo Emílio inspirávamos tal emulação que havia os que queriam se envultar. Eu sou o Carlos do nosso grupo – dizia o mais ambicioso. Eu fico sendo o Emílio. Eu, o Almeida.”

Notando que os da nova geração “pregávamos o Evangelho segundo São Carlos, seu universal testemunho”, Otto Lara Resende afirma: “Tínhamos chegado atrasados, o jeito era aceitar a vida de segunda mão. (...) Na verdade, procurávamos reeditar o poeta e os seus amigos perfeitos. Quando Carlos apareceu em carne e osso, foi como um reencontro. Emílio já tinha oficiado o sacramento da nossa fraternidade. E o poeta passou a ser, para sempre, uma notícia perene e fundamental do mundo, do Brasil, de Minas, de Itabira do Mato Dentro.” (O príncipe e o sabiá).

Grandes amigos, Sabino, Otto, Paulo e Hélio continuam unidos, em estátuas de bronze, na frente da Biblioteca Pública Estadual, na Praça da Liberdade, BH: Fernando, sentado num banco, com O encontro marcado; Otto, também sentado, com livro não identificado; ao lado, em pé, Hélio, mãos nas costas, e Paulo, que segura livro com o nome dos quatro; a poucos passos dali, caminha para o grupo, com um Suplemento Literário, a estátua de Murilo Rubião. Já Drummond e Nava confabulam em pé, um ao lado do outro, na confluência das ruas da Bahia e Goiás, onde ficava o Teatro Municipal, depois Cine Metrôpole, demolido, perto dos também extintos Café Estrela e Bar do Ponto.

Descoberta da poesia na adolescência

Filho de Eloy de Moura Costa e de Cornélia Guimarães Moura, Emílio Guimarães Moura nasceu em Dolores do Indaiá, às margens do rio Indaiá, Oeste de Minas, em 14 de agosto de 1902, mesmo ano em que nasceu, em 31 de outubro, em Itabira, o grande amigo e compadre Drummond. [Indaiá é palmeira comum na região. Um chiste assegura que o nome da cidade adveio da resposta de um “Coronel” local doente à pergunta se melhorara: “Miorá, miorei, mas dolores indaiá.”]

Na época estudante de Medicina, componente daquele grupo de rapazes inteligentes e inquietos, de mais ou menos 20 anos, quase todos estudantes de Direito, que o destino reuniu nos anos 1920 na nova capital de Minas Gerais [também com pouco mais de 20 anos], o memorialista Pedro Nava nota que Emílio era primo de outro modernista, Alberto Campos, irmão do político e jurista Francisco Luiz da Silva Campos, o Chico Ciência [autor da Constituição de 1937, a Polaca], e parente, também, de Bernardo Guimarães.

O menino “Bilote” fez o primário em Bom Despacho, Carmo da Mata e Cláudio, nas quais morou dos quatro aos 12 anos. Voltando a Dolores, iniciou o secundário no Instituto Guimarães, fundado por seu tio Cornélio Caetano da Silva Guimarães, concluindo-o no Ginásio Mineiro, de BH. Em novembro de 1970, numa de suas últimas entrevistas, a nós dada, o poeta disse que Cornélio era seu professor de Português em Dolores e que, gostando de poesia desde cedo, ele era o único de sua idade (12 anos) a frequentar as aulas noturnas que o tio ministrava a adultos.

Como dever de casa, fez “um poema que já indicava o poeta que havia nele (já naquela época, colecionava em um álbum imenso as poesias que lia em jornais, revistas e livros).” Segundo Nava, é pela época dos preparatórios, aos 15 anos, que ele “descobre a Poesia e o Anjo da Anunciação lhe vem com a leitura de Cesário Verde, Antônio Nobre e o nosso Alphonsus. – Ave! Emílio, cheio de graça.”

“Quem o veria requerer despejo?”

No poema “Poeta Emílio”, depois de consignar que em 1902 nascera “esguia palmeira”, um “ser ajustado à poesia como a palmeira se ajusta ao Oeste de Minas”, Drummond diz que o rapazinho cresce e viaja, fazendo preparatórios, sob a lua perfumada a cravos de Barbacena, para em bacharel se formar, como todos, e preliminares poemas, “em busca da chave própria”. (O poder ultrajovem)

Emílio se formou em 1928 na **Faculdade de Direito** da Universidade de Minas Gerais (UMG, depois UFMG), fundada em Ouro Preto, em 1892, como Faculdade Livre de Direito, e transferida para BH em 1898.

Relata Fábio Lucas que, recebendo o convite da formatura do filho, fervorosamente acalentada, e o recorte de um artigo dele, o pai guardou o jornal sob o travesseiro, para ler no dia seguinte. “Noite alta, teve uma síncope cardíaca e faleceu.” (Poesias de Emílio Moura). Emílio dedicou ao pai seu primeiro livro, contendo o poema “A sombra de meu pai.”

No mesmo ano, voltou a Dolores, como professor de História da Civilização na Escola Normal Oficial. Em vão, tentou a advocacia. Drummond diz no mesmo poema: “Advogado não seria, / posto que doutor de beca para foto de colação – quem o veria requerer despejo? – alegar falsidade de testamento? – promover desquite litigioso?”

“Saudade dos ares do ar de Indaiá”

Fábio Lucas revela, no *Suplemento Literário do Minas Gerais* de dezembro / 2002, comemorativo do centenário dos dois poetas, que Emílio não publicava suas caçadas, só as mostrando aos amigos, mas, certa vez, caiu-lhe às mãos o poema “Minha canção do exílio”, em que ele usa conhecido poema de Gonçalves Dias, Canção do exílio, “já transformada em mito e resíduo cultural, para marcar as dores do nativo irreversivelmente dissociado das raízes:

Ah que saudades que tenho
Dos ares do ar de Indaiá.
Deem-me asas supersônicas
É tempo de ir para lá.
Aqui já ninguém se entende
Nem há céus de se mirar.
Minha vida fez-se mítica, ficou, estática, no ar.

A vetusta casa de Afonso Pena

A Faculdade de Direito funcionava num casarão da confluência das Avenidas Álvares Cabral e João Pinheiro e Rua Guajajaras, afetuosamente chamado de “Vetusta Casa de Afonso Pena”. Insensivelmente demolido nos anos 1950, para construção do moderno prédio da faculdade, sua história até 1930 acaba de ser contada no livro, de 2017, O casarão da Praça da República (hoje, Praça Afonso Arinos), contíguo aos quarteirões da Rua da Bahia, desde a Avenida Afonso Pena, que constituíam o coração de Belo Horizonte nos prodigiosos anos 20 do século XX. Seu autor, o criminalista peruano e professor da faculdade Hermes Vilchez Guerrero, detalha a sua trajetória, faz menção a seus mestres, funcionários e alunos, entre estes os inquietos rapazes do Grupo do Estrela, bem como aos costumes e a tudo o que acontecia na nova capital e no mágico cenário da Rua da Bahia e adjacências.

Ah, que cansaço de tudo
Menos do ar de Indaiá.
'Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá.'

A casa já não existia. O menino, sim.

Membro da Comissão Especial do Centenário de Emílio Moura, seu primo, o professor, jornalista e escritor Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza, da Academia Mineira de Letras, "*dorense de coração*", escreveu o artigo "*A casa de Emílio Moura*", baseado num dos melhores e maiores poemas de Emílio, "*A casa*", com versos de Manuel Bandeira em epígrafe: "*Não existe mais a casa. / Mas o menino ainda existe.*"

Emílio evocou a casa senhorial da avó materna, Didinga, demolida, na qual morou. Tinha seis janelas na frente (três de cada lado da porta), oito na lateral, sótão do lado direito: "*A vida calou seu ritmo, / seu doce pulsar antigo.*" Fiuza a frequentou, muitas vezes "*em busca dos deliciosos canudinhos de tia Didinga.*" Para ele, o poema é das "*coisas mais bonitas e preciosas da literatura poética luso-brasileira.*" (*Dois poetas, um centenário*, organizado por Ozório Couto e José Hipólito de Moura Faria).

Autor de *Dores do Indaiá*, minha terra [*"nasci em Belo Horizonte, mas em Dores fui concebido, registrado e inicialmente criado"*], Fiuza diz se lembrar, "*com saudade, de sua figura longilínea, pernas compridas dobradas sem jeito, assentado à mesa de minha casa, cigarro de palha de perfume goiano na mão de dedos de pianista, a conversar com meu pai, Edgar Fiuza, seu primo e amigo.*"

Poemas, esculturas, desenhos, cigarros

Fábio Lucas, que selecionou poemas dele e presidiu a comissão do centenário, conta que ficaram famosos os cigarros de palha que Emílio fumava [também os manufaturados Pachola] e que nos seus bolsos havia grande variedade de objetos, como palhas de milho, pedaços variados de fumo de rolo, canivete, contas pagas e a pagar, "*tiras de bilhetes de loteria, papeizinhos com números, nomes, endereços, lembretes, contra-cheques do serviço público, enfim, um arquivo em desordem.*" (*Poesias de Emílio Moura*) [Certa vez, conta José Hipólito de Moura Faria, ele ganhou 17 contos de réis na loteria, depositou-os, mas logo disse à mãe que os gastaria indo ao Rio de "aeroplano" visitar Drummond. Na crônica "*O segredo Emílio Moura*", o amigo fala do prêmio e diz que "*Emílio continuou pobre, como antes.*"

Lamentavam os amigos que ele usasse tão bem as mãos para escrever, esculpir e desenhar [esculpuiu em gesso as cabeças de sua mãe, de um filho e de João Alphonsus, caricaturou literatos, como Drummond e ele próprio], mas, também, para fabricar, meticulosamente, seus cigarrinhos de palha, agravando seu enfisema pulmonar.

A volta de Emílio às raízes, em 1928, suscitou versos de Drummond, que vivera a mesma situação, voltando a Itabira, em 3 de março de 1926, após formado em Farmácia em 1925. [Inapto para trabalhar na fazenda do pai, ou como farmacêutico, virou professor de Português e Geografia do Ginásio Sul-Americano, de Itabira, mas no mesmo ano voltou a BH]. Lembra Fábio Lucas, em *O poeta e a mídia*, que, no poema "*Canção dos*

“Lamentavam os
amigos que ele
usasse tão bem as
mãos para escrever,
esculpir e desenhar,
mas, também, para
fabricar, meticulo-
samente, seus cigar-
rinhos de palha,
agravando seu
enfisema pulmonar.”

amigos", reproduzido em artigo no *Correio da Manhã*, Drummond lamentou perder o convívio com o amigo:

Meu amigo Emílio Moura
Com suas pernas compridas
E seu comprido, comprido
Coração de sabiá
Deixou as noites boêmias
E os dias de farra e cisma
E as aves que aqui gorjeiam
Foi pra Dores do Indaiá.

Poesia, sempre ausente onde a buscamos

Sobre o retorno de Emílio a BH, Drummond afirmou que ele voltara "*à convivência dos amigos, aos passeios coloquiais sob os 'figus' da Avenida, para onde trazia a todo instante a recordação dos casos, das anedotas, dos animais ensinados, das caçadas e de outros importantes aspectos da vida de Dores.*" A farra diurna daqueles dias "*era mais a deambulação vadia pelos cafés e*

livrarias da cidade, ao longo da qual se transmitiam as impressões de leitura e se liam as últimas produções de cada um."

Em 28 de maio de 1931, na crônica "A poesia na mala", sob o pseudônimo Antônio Crispim, Drummond disse que ele "se fixara, como um elemento, na paisagem dorense: a igreja, o jardim público, a ponte sobre o rio bem-educado, o edifício da prefeitura e o poeta." [Os dorenses incluíam na paisagem o azul distante da Serra da Saudade].

Acrescenta que "o poeta nos pertence desde os tempos em que, nas magras pensões de estudantes (...) fingia que estudava direito comercial, mas, no fundo, cometia versos", pouco importando se os publicava: "Nele, os versos não escritos é que formam a substância do ser, o definem e lhe dão esse contorno meio vago, porque meio aéreo, que às vezes nos fazia perguntar, nas rodas do bom tempo: Existe o Emílio?" O próprio Emílio não tinha dados "para responder ao certo se existia ou não. Assim é a poesia, que não se define, e está sempre ausente dos lugares onde a buscamos."

Anunciou que ele trazia na mala, "como coisa que não mostrara nunca a ninguém, um livro de versos" [Ingenuidade]. A mala deveria ser aberta para que se publicasse "o admirável livro de Emílio Moura". (Crônicas 1930 – 1934)

O amor transfigura o poeta

No mesmo ano (1931), Emílio se casou com Guanayra Portugal Moura, em Congonhal, MG, na fazenda da avó materna dele, Maria Floriano Barbosa, vendo-se, no livro *Dois poetas, um centenário*, uma foto do casal numa carroça, puxada por um cavalo, ao tempo da lua de mel. Relata Fábio Lucas, em "A paisagem lírica de Emílio Moura", na *Revista Brasileira*, nº 33, da Academia Brasileira de Letras, que, em carta, Emílio participara o noivado a Gustavo Capanema, e este respondeu dizendo que ele, o mais desencantado dos seus queridos amigos, a quem nada alegrava – progresso da carreira, sucesso intelectual, estima dos amigos – estava afinal feliz. "O amor é a suprema felicidade (...) Só ele poderia transfigurar você dessa maneira."

Também em 1931 nasceu o primeiro dos quatro filhos do casal: Carlos Eloy. Depois, vieram Alberto Luiz, Antônio Luiz e Carlos Alberto. O Carlos é homenagem a Drummond, padrinho de batismo do caçula. Nenhum deles revelou vocação literária. Emílio deixou netos e bisnetos.

Visita de modernistas estimula criação de A Revista

O primeiro poema publicado por Emílio Moura foi "Minha tristeza", em 1923, no *Diário de Minas*, segundo Maria Zilda Ferreira Cury, que fez ampla pesquisa para sua tese de doutoramento, transformada no livro *Horizontes modernistas*. Em 1924, ele estava entre os modernistas mineiros que se encontraram com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Olívia Guedes Penteado, Tarsila Amaral, Gofredo Teles e Blaise Cendrars, modernistas de São Paulo que visitavam cidades antigas de Minas e se hospedavam no Grande Hotel, onde hoje está o Edifício Malleta. Passearam à noite pela Rua da Bahia. Mário compôs o célebre "Noturno de Belo Horizonte". Estimulados, os mineiros lançaram *A Revista* no ano seguinte.

Emílio fazia viagens rápidas ao Rio, tema para o humor de Fernando Sabino. Em carta a Hélio Pellegrino em 5 de maio de

1946, inspirado no nariz aquilino e nas pernas longas do poeta, ele escreveu: "O acontecimento mais escabrosamente triste nesse tristíssimo ano de 1946 foi o fracasso da viagem ao Rio de Janeiro do poeta Aquilino Melgaço de Guimarães Moura, também conhecido por Emílio Moura e Emiliano Pernetá. Depois de coitadinho por três dias no Hotel Itajubá, sozinho, desamparado e sem ninguém - ainda que não o largássemos nem um minuto - o Pernetá desapareceu de repente, deixou o hotel pela manhã sem dar notícia e caiu no mundo, a caminho daí, da sua Beagá. Um fracasso. (...) comecei a pensar na fuga melancólica do Pernetá, indo embora sem se despedir." (Cartas na mesa)

"Pergunta logo a mim! Eu é que vou saber?"

A propósito das frequentes indagações nos poemas de Emílio, Sabino disse que o jornalista Carlos Castello Branco lhe contou que, no seu tempo de rapaz em Belo Horizonte, um companheiro de pensão lhe pediu emprestado um livro de versos, pois nunca lera poesia. Emprestou-lhe o "Canto da Hora Amarga", de Emílio. "Poucos dias mais tarde o outro lhe devolveu o livro: Li todo. Achei bem interessante. Só que ele faz umas perguntas esquisitas... Por exemplo: 'Por que rolam essas lágrimas em minha face?' Pergunta logo a mim! Eu é que vou saber?" (Livro aberto)

Poema subtraído da gaveta revela poeta

Emílio morava na Pensão Lima, à Av. João Pinheiro, 571, da qual também era hóspede, entre outros modernistas, o jovem poeta Ascânio Lopes Quatorzevoltas, integrante, também, do grupo de Verde, a revista modernista editada em Cataguases, MG, de 1927 a 1929. Conta Nava em Beira-mar que, publicado por Emílio, no *Diário de Minas*, um poema de Ascânio ["Cataguazes"], Milton Campos, achando, por sua excelência,

"Nele, os versos não escritos é que formam a substância do ser, o definem e lhe dão esse contorno meio vago, porque meio aéreo."

que se tratava de pseudônimo, interpelou Emílio, que disse o nome completo do poeta. Milton insistiu: “*Vá lá pelas catorze voltas, mas o que eu quero saber afinal, uma vez por todas, é se o poema é seu ou do Carlos.*”

Drummond relatou que Emílio publicou o poema com “palavras de admiração. Foi esta a primeira coisa de Ascânio que se estampou (6 de março de 1927) e é das melhores que há nos *Poemas Cronológicos*”, o livro coletivo de poesia de Ascânio e de dois outros modernistas de Verde: Enrique de Resende e Rosário Fusco. Frederico Moraes entrevistou Emílio e, no Estado de Minas de 24 de maio de 1964, afirmou que o poema de Ascânio fora “*roubado da gaveta de sua mesa de estudos, na sua ausência*”.

Poeta, crítico, professor, burocrata...

Emílio ocupou a Cadeira 20 da AML e inicialmente também se dedicou à crítica literária. Estudou as obras de Alphonsus de Guimaraens e de Drummond, mas desistiu. Lançou *Ingenuidade, Canto da hora amarga, Cancioneiro, O espelho e a musa* (1949), *O instante e o eterno* (1953), *A casa* (1961). Em 1970, reuniu a obra no *Itinerário Poético*, incluindo os inéditos *Desaparição do mito, Habitante da tarde e Noite maior*. O póstumo *Poesias de Emílio Moura* saiu em 1991. Têm seu nome a Biblioteca da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, o Prêmio de Poesia do Estado de Minas Gerais, uma rua do Bairro Palmeiras, BH.

Ele trabalhou com Drummond no *Diário de Minas* e escreveu em outros jornais. Como o amigo, exerceu cargos burocráticos: foi Diretor de Ensino da Secretaria de Educação e atuou no Tribunal de Contas e no Conselho Administrativo de Minas. Lecionou Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia da UFMG. Dirigiu em 1945 a hoje Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, então reorganizada, nela lecionando História das Doutrinas Econômicas. Saiu em 1946 para assumir a diretoria da Imprensa Oficial de Minas Gerais.

O jeito caetano de ser mineiro

Membro da Comissão do Centenário e da Academia de Letras de Dorcas, Fenelon Ribeiro contrapõe em artigo os ramos da família do poeta: Guimarães e Caetano. Emílio “*era típico Guimarães tradicional, gente fina, culta, trato ameno e fidalgo.*” Adiante: “*De seu parente mau, Chico Campos, só tinha a inteligência. Aliás, forçoso é salientar, foi sorte de Dorcas o surgimento do poeta – fenômeno estranho – quando o “Ciência” estava ‘por cima da carne seca’, esnobando o maior prestígio...*” (*Dois poetas, um centenário*).

No poema “*Ser Caetano*”, Emílio pergunta onde estão os Caetanos da família, de ontem e de hoje, os banqueiros e os poetas, e também os que não o são, sem perderem o dom de ser Caetanos. “*Ser Caetano é como ser mineiro, / num átimo se nota: / algo no ar e nos olhos, / no modo de falar (...)* *Ser Caetano é dizer sem falar, / ou gritar sem dizer nada de nada.*” *Olhados de perto, sob sua pele caetana “há um ser que está sorrindo e te despista*”. Diz que há entre os Caetanos os contemplativos, os boêmios, os “*coleccionadores de tudo: de pedras e moedas, de selos e imagens, de louças e pássaros, de tudo. Até mesmo de nada que é o outro lado-de-tudo*”.

O poeta que veio dos aedos, vates e menestrelis

Emílio morreu no Prontocor de BH em 28 de setembro de 1971, às 16h45min, de ataque cardíaco. “*Consta que sorria enquanto ouvia o filho Antônio Luís*”, diz Fábio Lucas, a quem, em carta, o escritor Rui Mourão contou: “*O filho acabava de lhe mostrar o Suplemento do Minas Gerais que estampava seu último poema – “Ser Caetano” – em que faz humor sobre um dos ramos da sua família.*” Rui já tentara a publicação, mas ele negava, dizendo que era uma brincadeira.

O triste fim do poeta tísico

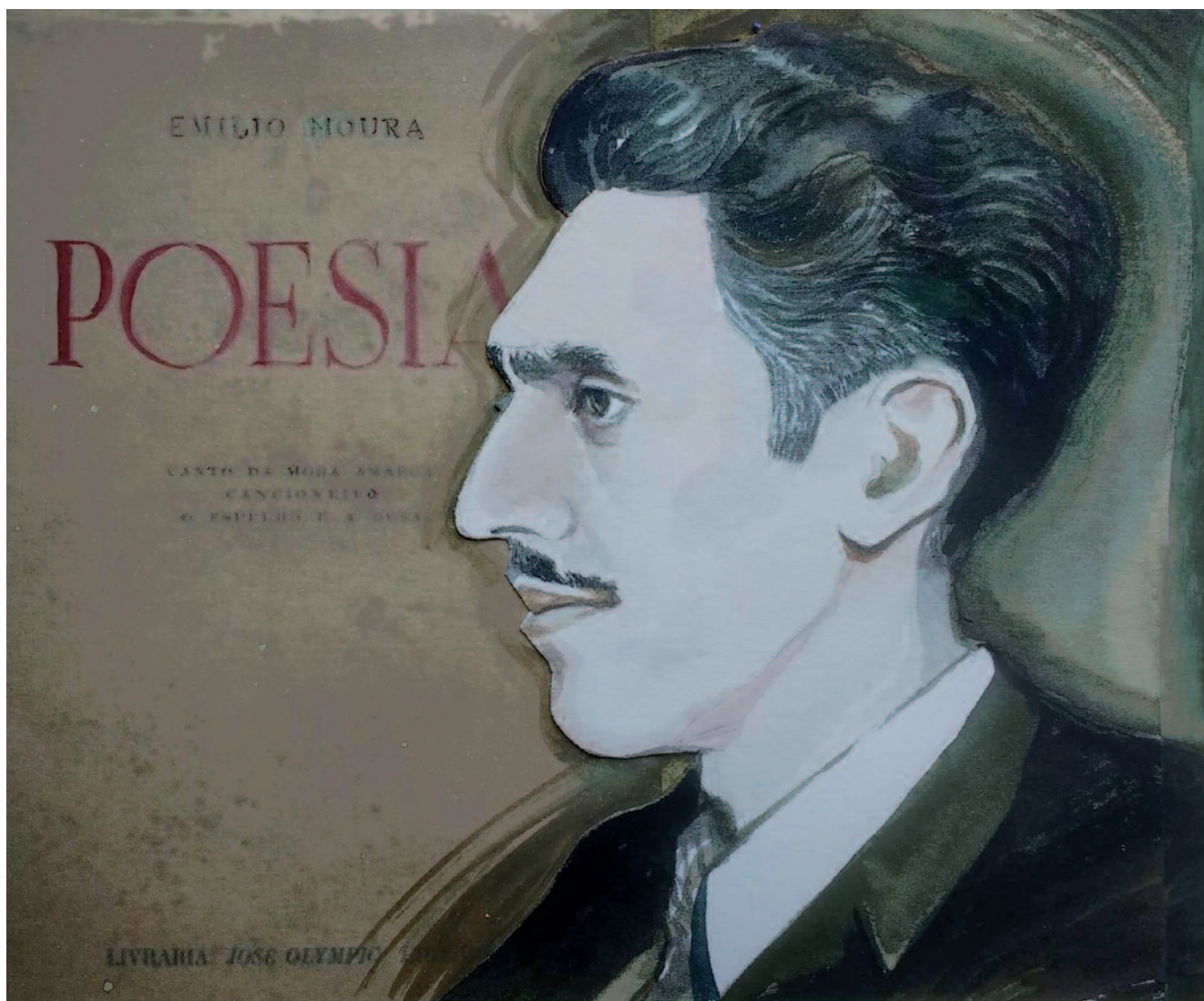
Nascido em Ubá em 11 de maio de 1906, Ascânio Lopes Quatorzevoltas foi adotado por um casal de Cataguazes e levado para lá com cinco meses. Veio estudar Direito em BH, sendo colega de João Alphonsus, do grupo do Estrela. Drummond disse que, apresentado, “*ele sorriu para mim com timidez, disse duas ou três palavras só. Fiquei gostando desse moço*”, em quem “*enxergava uma alma finamente colorida, meiga, séria e encharcada de poesia.*” *Funcionário público, “deixava a poesia no cabide, com o chapéu, ao contrário de outros que só deixam o chapéu, e fazem poesia na hora do expediente.*” Para Drummond, “*não se poderia dizer que viveu, se não fosse a poesia, que inundou o seu minuto apressado sobre a terra.*” (*Confissões de Minas*).

Tuberculoso, Ascânio fugiu de um Sanatório de BH quando viu um interno morrer sozinho, com hemoptise. Voltou para Cataguazes, onde faleceu em 10 de janeiro de 1929, com 22 anos e oito meses. Interromperia o estudo no terceiro ano. Comovido, João Alphonsus resumiu seu drama no romance *Rola-Moça*, de 1938. O personagem Anfrísio, bacharel como o autor, estando perto do Sanatório, lembrou-

se do amigo e colega. Diz uns versos dele e pergunta à mulher se o conheceu.

“*Perguntava por perguntar. Só para dizer o nome do amigo. Sua mulher não o conheceu. Vivera em Belo Horizonte discretamente, revelando-se um pouco aos camaradas mais próximos, boêmio a seu jeito, gostando das conversas até altas horas nas esquinas, correndo a pé nas alamedas da Praça da Liberdade às duas horas da madrugada. Para fazer exercício, acalmar uma vitalidade excessiva que depois se entregava a esbórnias de leituras, orgias noturnas de poetas, poeta ele mesmo sem dizer a ninguém. Quando os amigos souberam dos seus poemas já estava perto a febre dos tísicos... A esposa lhe guardava o nome. O poeta. – Ele esteve um dia no sanatório. Pouco mais que um dia. Fugiu para morrer em sua casa...*”

Em maio de 1929, a Verde homenageou Ascânio numa edição especial da revista, a última, com erros de datas na capa, textos sobre o poeta e três poemas dele, como “*Sanatório*.” José de Figueiredo Silva, companheiro de quarto na pensão, poeta (autor de *Sabarabuçu*), depois advogado de renome, deu a um filho, médico, o nome de Ascânio.



Drummond o homenageou com o poema *"O poeta irmão"*. No Cemitério do Bonfim, BH, em discurso manuscrito, o escritor Vivaldi Moreira, da AML, disse que ele era um poeta que viera de longe, de Petrarca *"ou de muito antes, dos aedos, dos vates e menestrelis"*, e *"continuará sendo, enquanto houver no mundo alguém que preze a fina essência do espírito"*.

Semelhança entre poemas de Drummond, Ascânio e Fusco

Quando pesquisávamos a obra do poeta de Verde, chamou-nos a atenção a parcial semelhança entre um poema de Drummond, *"Infância"*, de *Alguma poesia* (1930), e um de Ascânio Lopes Quatorzevoltas, *"Serão do menino pobre"*, dos *Poemas cronológicos* (1928).

Infância

*"Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava em casa cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
Lia a história do Robinson Crusoe,
Comprida história que não acaba mais.
(.....)
E eu não sabia que minha história
Era mais bonita que a do Robinson Crusoe."*

**"Perguntava por
perguntar. Só para
dizer o nome do
amigo."**

Serão do menino pobre

*"Na sala pobre da casa da roça.
Papai lia o jornal atrasado.
Mamãe cerzia minhas meias rasgadas.
A luz fraca do lampião iluminava a mesa
E deixava nas paredes um bordado de sombras.
Eu ficava a ler um livro de histórias impossíveis
- desde criança fascinou-me o maravilhoso.
(.....)"*

Se bastassem as datas da publicação, Drummond poderia ter-se inspirado em Ascânio: seu poema foi publicado em 1930; o de Ascânio, em 1928. No entanto, "*Infância*" foi escrito até no máximo 3 de junho de 1926, data da carta com que Drummond submeteu ao amigo Mário de Andrade, para avaliação, o caderno de poesias *Minha terra tem palmeiras*, título inicialmente cogitado para *Alguma poesia*. No caderno já constava o referido poema, como evidenciam as cartas entre eles (Carlos & Mário). Já "*Serão do menino pobre*" foi escrito em 1924, data indicada nos Poemas cronológicos.

Eles certamente se conheceram em 1925. Nava informa em *Beira-mar* que em 11 de março de 1925 Ascânio terminou o secundário no Colégio Mineiro, de BH, fazendo seu exame de inglês. "*Esta data é importante porque nos dá a época da chegada do poeta à capital de Minas. Provavelmente em fins de fevereiro.*" Drummond morava em BH desde 1920. Voltara a Itabira em março de 1926 e retornara no mesmo ano.

Ascânio estudava na Faculdade Livre de Direito, e morava na Pensão Lima, como Emílio e Martins de Almeida, que, "*num átimo, rastream seus versos escondidos e o poeta foi desmascarado e publicado por Emílio Moura no Diário de Minas*", diz Nava. Drummond afirmou que conheceu Ascânio na Rua da Bahia, sem indicar o ano (*Confissões de Minas*). Sem a data exata da composição de "*Infância*", permanece a questão: se não é simples coincidência, quem teria imitado o outro?

Os críticos Waltensir Dutra e Fausto Cunha acham "*Infância*" "*provavelmente anterior*" ao "*Serão*", sugerem a comparação dos dois poemas, e opinam: "*...a dramaticidade sóbria do final do 'Serão' torna-o superior ao poema de Drummond...*" (Biografia crítica das letras mineiras).

"Infância" x "Serão interior"

Há semelhança também, até maior, entre "*Infância*" e um poema de outro poeta de Verde, Rosário Fusco, também publicado em Poemas cronológicos. É o "*Serão interior*", datado de 1925, como se lê no livro.

No "*Serão interior*", "*O silêncio pesava sobre a descor das paredes comprimidas. / Eu sozinho – entre livros de estudo – / lia as viagens maravilhosas de Sindbad. / Mamãe chamava pro café das oito...*"

Em "*Infância*" se diz "*eu sozinho menino entre mangueiras*" e "*...uma voz que aprendeu a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu / chamava para o café. / Café preto que nem a preta velha. / café gostoso / café bom.*"

Só não indica a hora do café.

OBRAS CONSULTADAS

De Emílio Moura:

- *Itinerário Poético – Poemas reunidos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969;
- *Poesias de Emílio Moura*, introdução e seleção de Fábio Lucas. São Paulo: Art Editora, 1991;

Outras:

- *Beira-mar* / Pedro Nava. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003 – (Memórias; 4);
- *Carlos Drummond de Andrade: Poesia completa e prosa*, org. do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977;
- *As impurezas do branco*, Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973;
- *O poeta e a mídia: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto* / Fábio Lucas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002;
- *Dois poetas, um centenário. Carlos Drummond de Andrade e Emílio Moura*, org. Ozório Couto e José Hipólito de Moura Faria. Belo Horizonte, Adi Edições, 2002;
- *Dores do Indaiá, minha terra*. Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza. Belo Horizonte: Del Rey, 2016;
- *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*, Humberto Werneck, 2ª. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2012;
- *Horizontes modernistas: O jovem Drummond e seu grupo em papel jornal* / Maria Zilda Ferreira Cury, Belo Horizonte: Autêntica, 1998;
- *Descendo a Rua da Bahia. A correspondência entre Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade* / Org. e notas Eliane Vasconcellos e Matildes Demetrio dos Santos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017;
- *Cyro & Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos & Carlos Drummond de Andrade* / Org., prefácio e notas Wander Melo Miranda, Roberto Said - São Paulo: Globo, 2012;
- *O Casarão da Praça da República: a Faculdade Livre de Direito de Minas Geraes (1892-1930)* / Hermes Vilchez Guerrero. Belo Horizonte: Del Rey, 2017;
- *Livro aberto – Páginas soltas ao longo do tempo* / Fernando Sabino, 2ª. ed., Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2001;
- *Cartas na mesa* / Fernando Sabino. 2ª. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2002;
- *Biografia crítica das letras mineiras*, Waltensir Dutra e Fausto Cunha, Rio de Janeiro, MEC (INL), 1956;
- *Alguma poesia: o livro em seu tempo*, Carlos Drummond de Andrade. Org. Eucanaã Ferraz, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010;
- *Bom dia para nascer: crônicas*, Otto Lara Resende / Seleção Matinas Suzuki Jr., São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- *Rola-Moça*, João Alphonsus, 2ª. ed., Rio de Janeiro, Imago; Brasília, INL, 1976;
- *A Revista*. Belo Horizonte, 1925 /1926; edição fac-similada patrocinada pela METAL LEVE e apresentada por José Mindlin, São Paulo: junho, 1978;
- *O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso*, 3a. ed., Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- *Verde*. Revista mensal de arte e cultura, Cataguazes, MG, set. 1927 a maio 1929, edição fac-similada da METAL LEVE apresentada por José Mindlin: São Paulo, dezembro, 1978.



As múltiplas faces de Rubem Alves

Rogério Medeiros Garcia de Lima
Desembargador do TJMG

Admiro as pessoas de intelecto multifário, porque não se prendem a um único talento. Exemplo maior dessa espécie de intelectual é o italiano Leonardo da Vinci (1452-1519). Pintor, arquiteto, engenheiro e cientista, Da Vinci foi um dos mais expressivos artistas do Renascimento e legou à posteridade obras imortais.

Escreverei aqui sobre o notável brasileiro Rubem Alves, que – guardadas as devidas proporções – foi também um intelectual de múltiplas faces: teólogo, filósofo, psicanalista, educador e escritor. Em todas essas atividades revelou enorme talento literário.

Pianista frustrado

Rubem Alves nasceu em 15 de setembro de 1933, em Boa Esperança, região sul de Minas Gerais. Era filho de Herodiano Alves do Espírito Santo e Carmen de Azevedo Alves.

Boa Esperança é a terra da família Freire, que brindou o Brasil e o mundo com o notável pianista Nelson Freire. Alves, reportando-se ao conterrâneo, confessava ser um pianista frustrado:

Lutei muito para ser pianista. Trabalhei duro, horas e horas por dia. Se tivesse dado certo, eu seria hoje um pianista medíocre. Pianista bom não precisa fazer força. É dom de Deus, como é o caso de Nelson Freire. (...) Para o Nelson, o piano é uma expansão do seu corpo. Foi preciso que eu fracassasse como pianista para que o escritor que morava dentro de mim aparecesse.

Assim, comecei a fazer música com palavras, acho que com a mesma facilidade com que o Nelson toca piano. (Se eu pudesse viver minha vida novamente..., p. 14)

Viveu a infância no interior de Minas Gerais:

Nasci nas Minas Gerais. Minas não tem mar. Minas tem montanhas, matas e tem céu. É aí que me sinto em casa. (Se eu pudesse viver minha vida novamente..., p. 121)

A serra e a esperança

A cidade natal de Rubem Alves é cercada pela Serra da Boa Esperança, que compõe deslumbrante paisagem e foi imortalizada na **famosa música de Lamartine Babo**, adotada como hino da cidade.

Lamartine Babo (1904-1963) foi um famoso compositor carioca, autor de conhecidas marchinhas carnavalescas e hinos dos principais times de futebol do Rio de Janeiro. Lalá – como era conhecido – tinha refinado bom humor. Escreveu sobre si mesmo:

Eu me achava um colosso. Mas um dia, olhando-me no espelho, vi que não tenho colo, só tenho osso.

Certa feita, Lamartine foi a uma agência dos Correios passar um telegrama. O telegrafista bateu o lápis na mesa e mandou mensagem, em Morse, para um colega:

Magro, feio e de voz fina.

Lalá sacou o seu lápis e rebateu:

Magro, feio, de voz fina e ex-telegrafista.

Bullying no Rio de Janeiro

A família de Alves foi morar no Rio de Janeiro, em 1945. Rubem foi matriculado em um bom colégio, mas era humilhado pelos colegas, que caçoavam do seu sotaque mineiro, prática hoje conhecida como *bullying*. Era solitário, não tinha amigos.

Imagino que essa experiência negativa da pré-adolescência o tenha inspirado a pregar, como educador, a alegria de ensinar:

Ser mestre é isto: ensinar a felicidade. (...) Pois o que vocês ensinam não é um deleite para a alma? Se não fosse, vocês não deveriam ensinar. E se é, então é preciso que aqueles que recebem, os seus alunos, sintam prazer igual ao que vocês sentem. Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão, como a cozinheira que queria oferecer prazer, mas a comida saiu salgada e queimada... (A alegria de ensinar, p. 11-12).

Pastor subversivo

Ainda adolescente, o solitário Rubem buscou abrigo na religião. Entre 1953 e 1957, estudou Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas (SP) e, formado, exerceu as funções de pastor em Lavras (MG), de 1958 a 1963, quando foi estudar em Nova York (EUA). Retornou ao Brasil em

A origem da canção 'Serra da Boa Esperança' envolve um caso cômico.

O dentista Carlos Alves Netto, de Boa Esperança, amante da música, passou a trocar cartas com Lamartine Babo, de quem era admirador. Usava o nome de "Nair Oliveira Pimenta". Galanteador, apesar de feio, Lalá pegou o trem até Boa Esperança para conhecer "Nair".

Desfeito o engodo, ficou amigo de Carlos e passou uns dias na cidade, quando compôs a célebre canção Serra da Boa Esperança:

*Serra da Boa Esperança,
Esperança que encerra
No coração do Brasil
Um punhado de terra
No coração de quem vai,
No coração de quem vem,
Serra da Boa Esperança,
Meu último bem (...).*

“Vivo muito bem
sem Deus. Mas não
consigo viver sem
o ‘mistério’,
sem o ‘sagrado’,
sem Beleza.”

1964, com o título de Mestre em Teologia pelo *Union Theological Seminary*.

Em 1968, foi denunciado como subversivo por dirigentes da Igreja Presbiteriana e passou a ser perseguido pelo Regime Militar. Abandonou a Igreja e retornou com a família para os Estados Unidos. Tornou-se Doutor em Filosofia (PhD) pelo *Princeton Theological Seminary*.

Sobre a sua experiência religiosa, registrei algumas meditações:

Fui pastor protestante e é provável que, se tudo tivesse acontecido nos conformes, eu hoje fosse um clérigo velho. Mas veio o golpe militar, fui acusado de subversivo pelas zelosas e bondosas autoridades da Igreja... Tive de me mudar para os Estados Unidos com a minha família – o que foi ótimo para todos nós. Fiz meu doutoramento, fiz amigos novos, viajei, conheci lugares, acampeei, tive tempo para ler e pensar. (...)

Inconscientemente nunca acreditei que Deus pudesse lançar uma alma no inferno por toda a eternidade. É crueldade demais! Eu não admitiria que um homem fizesse isso. Como poderia admitir que Deus o fizesse? E também nunca fui atraído pelas propaladas delícias do céu. (...)

Desviei-me (...) de uma das mais influentes escolas da teologia contemporânea que, sob a inspiração da espiritualidade do martírio, só tinha olhos para a coroa de espinhos, para os cravos e para as feridas, e não tinha olhos para a flor... (Se eu pudesse viver minha vida novamente..., p. 14, 19, 20 e 21)

Vivo muito bem sem Deus. Mas não consigo viver sem o ‘mistério’, sem o ‘sagrado’, sem Beleza. ‘As coisas que não existem são mais bonitas’ (Manoel de Barros). A alma se alimenta de coisas que não existem. Coisas que não existem alimentam a beleza e a esperança.

(...) A tradição cristã tem medo do prazer. Prazer é artifício do diabo. Tanto assim que, para agradar a Deus, os fiéis se apressam a oferecer-lhe sofrimentos e renúncias, certos de que é o sofrimento que lhe causa prazer. Não tenho conhecimento de alguém que, a fim de agradar a Deus, lhe tenha feito promessas de ouvir Mozart ou fazer amor. (Do universo à jabuticaba, p. 129 e 160)

Filósofo, sem perder a poesia

De volta ao Brasil, Rubem Alves lecionou Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (SP).

Ainda estudante do curso de graduação em Direito, li seu excelente livro *Filosofia da ciência – Introdução ao jogo e suas regras*. Ainda que escrevesse livro didático, na árida seara filosófica, Alves me encantou porque não deixava de ser poético. Aprendi com ele que o conhecimento científico é sistematizado e tem método. Todavia – ensinava – não devemos desprezar o senso comum:

A ciência não é um órgão novo de conhecimento. A ciência é a hipertrofia de capacidades que todos têm. Isto pode ser bom, mas pode ser muito perigoso. Quanto maior a visão em profundidade, menor a visão em extensão. A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos. (...)

Prefiro não definir. Talvez simplesmente dizer que senso comum é aquilo que não é ciência e isto inclui as receitas para o dia-a-dia, bem como os ideais e esperanças que constituem a capa do livro de receitas.

E a ciência? Não é uma forma de conhecimento diferente do senso comum. Não é um novo órgão. Apenas uma especialização de certos órgãos e um controle disciplinado do seu uso. (...)

A ciência não acredita em magia. Mas o senso comum teimosamente se agarra a ela. (...) A crença na magia, como a crença no milagre, nasce da visão de um universo no qual os desejos e as emoções podem alterar os fatos. A ciência diz que isto não é verdade. O senso comum continua, teimosamente, a crer no poder do desejo. (...)

O senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver. E para aqueles que teriam a tendência de achar que o senso comum é inferior à ciência, eu só gostaria de lembrar que, por dezenas de milhares de anos, os homens sobreviveram sem coisa alguma que se assemelhasse à nossa ciência. A ciência, curiosamente, depois de cerca de quatro séculos, desde que ela surgiu com seus fundadores, está colocando sérias ameaças à nossa sobrevivência. (Filosofia da ciência – Introdução ao jogo e suas regras, p. 12, 14, 16 e 20)

Pincei outras passagens de sabor filosófico da extensa obra de Rubem Alves, que foi escritor prolífico, seja em livros, seja em crônicas em diversos jornais:

Minha vida se divide em três fases. Na primeira, meu mundo era do tamanho do universo e era habitado por deuses, verdades e absolutos. Na segunda fase meu mundo encolheu, ficou mais modesto e passou a ser habitado por heróis revolucionários que portavam armas e cantavam canções de transformar o mundo. Na terceira fase, mortos os deuses, mortos os heróis, mortas as verdades e os absolutos, meu mundo se encolheu ainda mais e chegou não à sua verdade final, mas à sua beleza final: ficou belo e efêmero como uma jabuticabeira florida. (...)

Albert Schweitzer conta que numa noite – ele e remadores navegavam pelo rio, para chegar a uma outra aldeia –, seu pensamento não parava, e ele se perguntava: ‘Qual é o princípio ético fundamental?’. De repente, como um relâmpago, apareceu na sua cabeça a expressão: reverência pela vida. Tudo o que é vivo deseja viver. Tudo o que é vivo tem o direito de viver. Nenhum sofrimento pode ser imposto sobre as coisas vivas, para satisfazer o desejo dos homens. (...)

Cada momento de alegria, cada instante efêmero de beleza, cada minuto de amor, são razões suficientes para uma vida inteira. A beleza de um único momento vale a pena de todos os sofrimentos. (Do universo à jabuticaba, p. 11, 15, 16 e 17)

Só é bom cientista aquele que pensa como quem brinca. (Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar, 1984)

Psicanálise, sua feitiçaria

No livro *Do universo à jabuticaba*, Rubem Alves menciona os tempos em que eu praticava a feitiçaria chamada psicanálise (p. 84). Desde o início da década de 1980, tornara-se psicanalista, seguindo a trilha do médico neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939), que partiu da interpretação dos sonhos para conhecer a natureza e o poder do inconsciente.

Selecionei algumas reflexões psicanalíticas de Rubem Alves:

“Cada momento de alegria, cada instante efêmero de beleza, cada minuto de amor, são razões suficientes para uma vida inteira.”

Conversa na recepção: conversa vai, conversa vem, digo que sou psicanalista. A moça entra em pânico, temerosa de que eu tivesse poderes para ver a sua alma. 'Eu já fiz terapia', ela disse. 'Mas agora estou resolvida'. Pergunto: 'Quando se deu o óbito?'. Ela me olha sem entender. Óbito? Explico: as únicas pessoas resolvidas que conheço estão no cemitério. (...)

Geralmente se pensa que a função dos psicanalistas é curar doenças da alma. Não concordo. Não sei se eles podem curar alguma coisa. O que acho é que eles são os guias que nos levam a visitar as paisagens da alma, que nós mesmos desconhecemos. Bosques escuros, mares profundos, montanhas cobertas de neve, campos floridos, cemitérios... Essa aventura não cura nada. Ela nos conduz por experiências de tristeza e beleza. E isso nos torna mais sábios. A sabedoria é uma forma de cura. Mas foi a minha psicanalista que me revelou. Foram os livros. (...)

(O Lobisomen) é uma lenda. Ela diz que dentro de um homem bom e tranquilo mora um lobo, fera. Mora trancado dentro de uma jaula. Aparece vez por outra quando, por razões que não se sabe, a jaula se abre e ele sai. (...)

Diabetes não tem cura. É uma doença crônica. Doença crônica é uma doença que requer cuidados até a morte. Mas não se apoquento. A vida também é doença crônica, que exige cuidados até a nossa morte. Todo dia você tem de comer, beber, respirar... (Do universo à jabuticaba, p. 14, 34, 35 e 94)

Somos como um navio em que os detritos do mar vão se grudando, em meio ao muito navegar. De tempos em tempos, é preciso que o casco seja raspado, para voltar de novo a deslizar suave pelas águas.

Os detritos da memória depositam-se em nossos olhos, transformam-se numa nuvem leitosa, opaca, catarata, e nos tornamos cegos para o mundo à nossa volta. O mundo inteiro, então, se transforma num monte de detritos.

É preciso esquecer para poder ver com clareza. É preciso esquecer para que os olhos possam ver a beleza. (*Teologia do cotidiano*, p. 52-53)

É o poder de sonhar que nos torna humanos. É nisto que

“De tempos em tempos, é preciso que o casco seja raspado, para voltar de novo a deslizar suave pelas águas.”

a psicanálise acredita. Somos sonhos cobertos de carne” (*A alegria de ensinar*, p. 67).

O professor e a imortalidade

Além de ter lecionado Filosofia em Rio Claro (SP), Rubem Alves foi professor-visitante no *Union Theological Seminary* (1971). Em 1973 passou a lecionar na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde se aposentou como professor emérito.

Abraçava uma concepção lúdica da educação:

A alegria está no jardim que se planta, na criança que se ensina, no livrinho que se escreve. (...)

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: 'Sou um pastor da alegria...' (A alegria de ensinar, p. 10 e 13)

Todos tivemos um ou mais professores que marcaram nossas vidas. Sobre eles, Alves construiu frase lapidar:

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais... (*A alegria de ensinar*, frase de abertura)

Um caso de amor à vida

Ao fazer um balanço de sua vida, refletia Rubem Alves:

Estou onde estou pelos caminhos e descaminhos que percorri. (...) Estou onde estou porque os meus planos deram errado. (...) Escorreguei. A vida me empurrou. Fui literalmente obrigado a fazer o que não queria.

Por exemplo: meu pai, homem muito rico, foi à falência. Ficou pobre. Teve de mudar de cidade para começar vida nova. Se isso não tivesse acontecido, é provável que hoje eu fosse um rico fazendeiro guiando uma F 1000 e contabilizando cabeças de gado. (Se eu pudesse viver minha vida novamente..., p. 13)

Rubem Alves casou com Lidia Nopper em 1959 e tiveram três filhos: Sérgio (nascido em 1959), Marcos (nascido em 1962) e Raquel (nascida em 1975). Era pai e avô amoroso.

Faleceu aos 80 anos, em Campinas (SP), vítima de falência múltipla de órgãos, no dia 19 de julho de 2014. Meditou bastante a respeito do fim da vida:

Cada momento de alegria, cada instante efêmero de beleza, cada minuto de amor, são razões suficientes para uma vida inteira. A beleza de um único momento vale a pena de todos os sofrimentos. (...)

Se eu morrer agora, não terei do que me queixar. A vida foi

muito generosa comigo. Plantei muitas árvores, tive três filhos, escrevi livros, tenho amigos. Claro, sentirei muita tristeza, porque a vida é bela, a despeito de todas as suas lutas e desencantos. Quero viver mais, quero terminar a minha sonata. (Do universo à jabuticaba, p. 17 e 19)

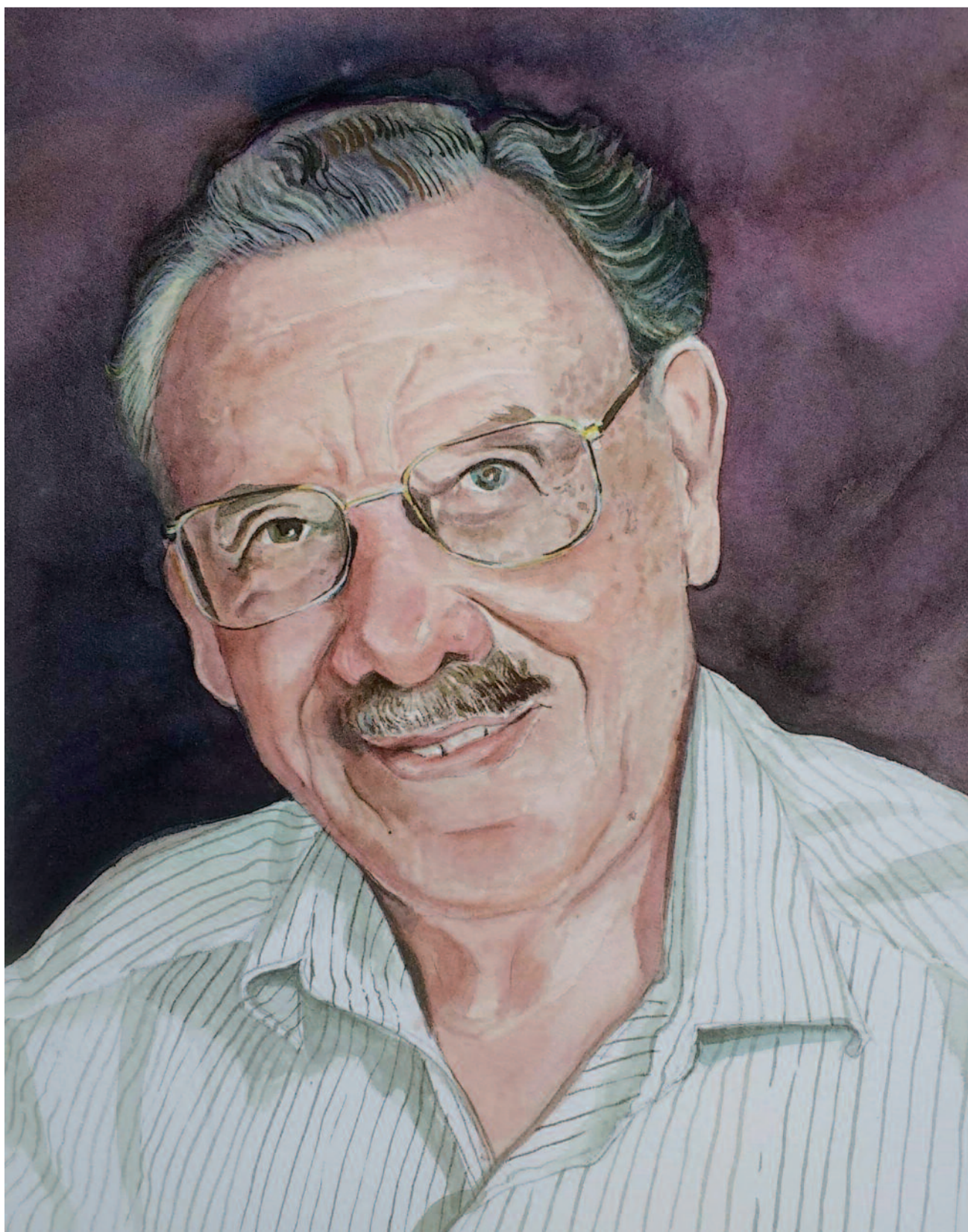
E nos legou uma pérola do amor à existência:

Ao fim de uma entrevista, a entrevistadora me pediu: 'Rubem Alves em frase...'. O pensamento voou até que parou num verso de Robert Frost, que seria o seu epitáfio: 'Ele teve um caso de amor com a vida...' (Do universo à jabuticaba, p. 16-17)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2ª ed., 2000.
- _____. *Do universo à jabuticaba*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- _____. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez Editora, 1984.
- _____. *Filosofia da ciência – Introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 11ª ed., 1988.
- _____. *Se eu pudesse viver minha vida novamente...* Campinas: Verus Editora, 2004.
- _____. *Teologia do cotidiano*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud e alma humana*. São Paulo: Cultrix, trad. Álvaro Cabral, 1993.
- *Biografia de Rubem Alves*. Instituto Rubem Alves, disponível em <http://www.institutorubemalves.org.br/rubem-alves/tempus-fugit/biografia/>, acesso em 23.01.2018.
- _____. *Portal Projeto Releituras*, disponível em http://www.releituras.com/rubemalves_bio.asp, acesso 04.10.2017.
- *Lamartine Babo*. Disponível em <https://www.boaesperanca.org/boa-esperanca/pessoas-ilustres/lamartine-babo>, acesso em 23.01.2018.
- _____. Disponível em <https://boaesperancamg.wordpress.com/cidade-de-boa-esperancamg/lamartine-babo/>, acesso em 23.01.2018.
- 'Não quero que a morte seja súbita', escreveu Rubem Alves à Folha. Folha de S. Paulo, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/>, acesso em 19.07.2014.
- *O olhar de Leonardo da Vinci*. São Paulo: Revista Superinteressante, Editora Abril, 30.04.2006, texto de Thereza Venturolli.
- Serra da Boa Esperança. Portal Letras de Músicas, disponível em <https://www.letras.mus.br/lamartine-babo/689972/>, acesso em 23.01.2018.

“Ao fim de uma entrevista, a entrevistadora me pediu: ‘Rubem Alves em frase...’. O pensamento voou até que parou num verso de Robert Frost, que seria o seu epitáfio: ‘Ele teve um caso de amor com a vida...’.”



Fábio Lucas, crítico literário comprometido com o contexto social

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de MagisCultura

Crítico literário e ensaísta sempre disposto a enfrentar – ou criar – polêmicas, o escritor mineiro Fábio Lucas se confessa hoje, aos 86 anos, parecido com o Conselheiro Ayres, emblemático personagem de Machado de Assis que *"tinha o coração disposto a evitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia"* (*'Esaú e Jacó'*). *"Eu gostava muito da polêmica; agora, em grande parte, tenho também esse tédio à controvérsia"*, me disse ele em entrevista no final de 2017, em seu apartamento de Belo Horizonte.

Nascido em Esmeraldas, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em 27 de julho de 1931, Fábio é dono de extensa produção como crítico literário, ensaísta, cronista, historiador e cientista social, além de três obras de ficção. Passou a maior parte de sua vida profissional no exterior e em São Paulo como consequência da aposentadoria no cargo de professor da UFMG, imposta pelo regime militar em 15 de setembro de 1969, com base no AI 5.

Graduado em Direito e doutor em Economia e História das Ciências Econômicas pela própria UFMG, Fábio Lucas começou sua carreira docente em 1957, como Assistente de Ensino, na Faculdade de Ciências Econômicas, lecionando "História da Renda e Repartição da Renda Social", depois de ter assessorado por dois anos o reitor Lincoln Prates. Em 1960, passou a professor livre-docente, por concurso. Foi formalmente reintegrado ao corpo docente da universidade em 1982, com base na Lei da Anistia, tendo sua aposentadoria sido revisada.

Na década de 1950 e nos primeiros anos da de 1960 iniciou sua militância literária, participando da fundação das revistas **Vocação e Tendência**, ambas em Belo Horizonte, e convivendo com escritores e poetas como Affonso Ávila, Rui Mourão e Maria Luíza Ramos, com quem viria a se casar.

Quando a aposentadoria compulsória o colheu, já havia iniciado atividades também fora de Belo Horizonte, seja como professor, seja na militância em organizações ligadas à Literatura. Ao longo do tempo, foi professor em quinze universidades no Brasil, Portugal e Estados Unidos; presidente, por cinco mandatos, da União Brasileira de Escritores; diretor do Instituto Nacional do Livro; membro da Associação Brasileira de Crítica Literária; e sócio honorário da *American Association of Spanish and Portuguese*, entre outros cargos e funções.

Obra múltipla e premiada

Fábio tem mais de 60 obras publicadas, entre críticas e ensaios, sendo a primeira delas o artigo Temas literários e juízos críticos, em 1963, na revista *Tendência*. Sua obra e militância lhe valeram inúmeras premiações, a começar do título de *"Personagem do ano no setor de Literatura"*, que lhe foi concedido em 1962 pelo semanário *O Binômio*, a partir de consulta entre jornalistas e intelectuais mineiros. Ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Estudos Literários (ensaios), em 1970, e sua mais recente premiação foi o Prêmio Minas Gerais de Literatura, do governo de Minas, em 2015, pelo conjunto da obra. É membro das Academias Mineira e Paulista de Letras.

Sua publicação mais recente é o livro *Novas Mineiranças*, lançado em 2016, em que atualiza e amplia o estudo *Mineiranças*, de 1991. A obra foi recebida pela crítica como *"um marco e fonte do entendimento da cultura mineira e de sua mais perfeita, autêntica e refinada criação no campo das Letras"*, dada a abrangência de poetas e prosadores analisados.

Golpe nos passadistas

Em *'O Desatino da Rapaziada'*, livro que narra a trajetória da imprensa, jornalistas e escritores em Minas Gerais entre 1920 e 1970, Humberto Werneck relata a criação da revista:

*Os passadistas de Belo Horizonte sofreram duras estocadas da parte de um pequeno e ativo grupo que chegou à cena literária no início dos anos 50. Ficaria conhecido pelo nome da revista – **Tendência** – que editou na segunda metade da década. Praticamente resumiu-se a um trio – Fábio Lucas, Rui Mourão e Affonso Ávila –, responsável, em 1951, por uma primeira revista, **Vocação**. A esses três se juntariam, mais adiante, a ensaísta Maria Luíza Ramos e a poetisa Laís Corrêa de Araújo.*

*O primeiro número de **Tendência** circulou em agosto de 1957, eclético o bastante para abrigar um artigo do conservador Oscar Mendes. [...] O time de colaboradores alargou-se até a morte de **Tendência**. O quarto número, que seria o último, trouxe um texto em que Haroldo de Campos, um dos papas do Concretismo, anunciava o "salto participante" desse movimento, que se despedia assim do formalismo puro para se preocupar também com as questões sociais. A revista mineira já andava, desde o início, num trilho semelhante, o do "nacionalismo crítico", o que lhe valeria pauladas tanto da direita como daqueles que recusavam a ideia de uma literatura a serviço da política.*

*[...] O bom comportamento existencial da trilha de **Tendência** era contrabalançado pela iconoclastia com que ela se atirava a algumas reputações literárias estabelecidas – "a grande literatura vitoriosa", no dizer de Fábio Lucas.*

As novas mineiranças

Em sua mais recente publicação, lançada pela Editora Baobá em 2016, Fábio Lucas faz uma espécie de balanço de sua atividade literária e profissional, numa *"tentativa de dar ciência de minhas buscas sobre o sentido das manifestações literárias daqueles que o fizeram com os olhos deitados sobre as particularidades dos filhos das Alterosas"*. Ele dedica o livro *"a todos os que se voltam para os valores humanitários, civilizados, agregativos das Artes; de modo especial, das Artes Literárias"*.

Em texto introdutório, sob o título *'Marcos de um roteiro cultural de Minas Gerais'*, busca respostas a duas perguntas: *'Como se configurou a subcultura mineira na formação do Brasil?'* e *'Como se desenha a descontinuidade cultural a partir do tronco nacional que, por sua vez, nutriu-se de fornecimentos nativos, europeus e africanos?'* A análise mergulha na história, na economia e nas relações políticas, sempre buscando referências literárias e documentais, sem olvidar que *"os documentos remanescentes não dizem tudo. Sua interpretação deve ser contextualizada"*.

Na sequência, o autor analisa mais de duas dezenas de obras de cunho literário, *"que ajudam a caracterizar a subcultura mineira e até mesmo a construí-la"*, no que ele chama de *'Espelhamento literário'*. Estão na relação obras 'clássicas' da literatura de Minas, a começar do *"Romanceiro da Inconfidência"*, de Cecília Meireles. O capítulo inclui análises sobre as obras de Carlos Drummond de Andrade, Dantas Mota, João Guimarães Rosa, Autran Dourado, Silviano Santiago, Rui Mourão, Mário Palmério, Ciro dos Anjos, Fernando Sabino, Darcy Ribeiro, Pedro Nava, Afonso Arinos de Melo Franco, Luiz Camillo Penna, Rubens Fíuza e Sylvio de Vasconcellos, além de um sobrevoo sobre o Barroco Mineiro.

Drummond e Rosa, os maiores do planeta

A obra de Fábio Lucas é marcada fundamentalmente por análises que vão além da crítica literária pura, mas se debruçam sobre aspectos sociológicos, antropológicos, filosóficos e políticos. Em boa medida, os próprios títulos de seus livros são indicativos de sua opção pela análise socialmente contextualizada da obra de arte. Alguns exemplos: *"O caráter social da literatura brasileira"*, de 1970; *"O caráter social da ficção no Brasil"*, de 1987; *"Contos da repressão"*, de 1987; *"Vanguarda, história e ideologia da literatura"*, de 1985; e *"Interpretações da vida social"*, de 1995.

A consulta a sua bibliografia indica que ele perpassou seu olhar crítico sobre a produção da grande maioria dos poetas e escritores de relevância brasileiros. Há obras, por exemplo, sobre Tomás Antônio Gonzaga, Clarice Lispector, Murilo Mendes, Fernando Sabino, Autran Dourado, Emílio Moura, Mário de Andrade, Ferreira Gullar, Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto, Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Mário Quintana, Jorge Amado e Érico Veríssimo.

Além de Machado de Assis, ele destaca na produção literária brasileira os nomes dos mineiros João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade, que considera *"os dois maiores*

escritores do planeta no Século XX, se fizermos um estudo comparativo sociológico, antropológico e literário". E explica, cauteloso: *"Isto é uma opinião, não é um juízo crítico."*

Gosto pela polêmica

Seja em entrevistas, seja em suas próprias publicações, Fábio Lucas jamais se furtou a dar opiniões críticas fortes, ainda que pudessem contrariar ou incomodar. Em entrevista à *MagisCultura*, por exemplo, não hesitou em afirmar que *"os grandes inimigos do escritor, além da indústria, são os editores e livreiros que, na sua grande maioria, são pessoas desonestas com o escritor. Eu tenho provas de que são desonestos para encher uma mala."*

Ele cita também a polêmica em que se envolveu com o ensaísta José Guilherme Merquior, muito criticado pela esquerda intelectual brasileira. *"Ele publicou um livro sobre 'Formalismo e tradição moderna' e eu lhe escrevi uma carta – nessa época eu estava em Wisconsin, nos Estados Unidos – com críticas a alguns pontos. Na segunda edição do livro, ele acrescentou quatro ou cinco cartas que lhe enviaram, mas a única que ele discutiu foi a minha, em um capítulo inteiro."*

Não poupa, ainda, críticas à indústria cultural, lamentando o fim dos cadernos literários dos grandes jornais, que eram comuns em outros tempos: *"Os jornais tinham cadernos e colunas literárias e eles foram desaparecendo aos poucos; muitos atribuem isso à industrialização, pois a indústria copia, sem criar. E assim a criatividade se repete."*

Outras reflexões

Livro absolutista

"O livro é companheiro, mas é absolutista: ocupa o lugar e você tem que se mudar."

Comentário feito a propósito de seu acervo de mais de 50 mil volumes [na última contagem], que ocupam vários cômodos de sua casa em São Paulo e que pretende trazer para Belo Horizonte, onde reside atualmente, com idas frequentes à capital paulista.

Desigualdade social

"O Brasil não é uma nação rica, mas toda vez que se fala dos vinte homens mais ricos do mundo, sempre tem brasileiros, mais do que de países como a França, a Suécia. Por quê? Porque a concentração de renda aqui é cada vez maior. Somos um país urbano na sua maioria e ruralista na minoria e ao mesmo tempo a promover um desespero inimaginável, porque a riqueza não é distribuída; é preciso distribuir melhor."

Brasil, potência linguística do futuro?

"Sou otimista e, com grande entusiasmo, tenho escrito em prefácios e conferências a ideia de que o Brasil está preparado para, em um século, ser a nação mais importante do globo. E dou dados mais culturais do que econômicos: a Língua Portuguesa. No futuro, com o avanço da robótica, vai ser necessário ter um idioma mais utilizado do que o Inglês é hoje."

Como foneticamente o Russo e o Português guardam uma variedade tão grande de sons que as evidências indicam que, ao prosperarem as relações econômicas do Brasil com a China, Rússia, Índia, o Oriente... o Russo e o Português serão processados numa espécie de máquina internacional para facilitar tudo o mais."

Duro na crítica, leve na vida

A postura muitas vezes severa na crítica, embora sempre disposto a reconhecer e elogiar a qualidade, é característica marcante na obra de Fábio Lucas, mas não se repete em sua vida pessoal, especialmente junto à família, conforme depoimento da filha caçula Maria Helena Lucas, professora da Escola de Dança do Grupo Corpo.

"Papai sempre foi muito espirituoso, criativo. A gente tinha uma coisa gostosa na família, fazia teatrinho, criava cenários, papai chamava vizinhos para assistir, enfim, era uma casa muito alegre; ele e mamãe sempre recebiam amigos para conversar, cantar". Destinatária de dezenas de cartas do pai, no longo período em que ele viveu distante dos filhos, Maria Helena conta que "quando ele foi pra Portugal [após o retorno dos EUA e da separação de Maria Luísa Ramos] eu era pré-adolescente, ele ficou muito sozinho, mas sempre mantendo contato. Mais tarde eu entendi o quanto foi duro pra ele esse tempo que ele viveu fora."

No "breve recado" que escreveu para a publicação familiar *"Das cartas de meu pai"*, que Maria Helena organizou com trechos das cartas recebidas, o próprio Fábio confessa essa solidão: *"[...] a saudade das pessoas queridas servia-me de pretexto para a extroversão afetiva ou opinativa. Exprimia-me e confidenciava sobre os meus inseguros caminhos."*

Em pelos menos duas das transcrições, ele toca no tema. Filho de uma família enorme – eram 19 irmãos – ele diz em carta de maio de 1977: *"Quando eu era pequeno, sentia imensa tristeza e solidão, no meio do povarão da minha casa. Ninguém jamais quis saber de nada. O jeito era ficar mais só."* Alguns anos depois, em 1983, ele confidencia: *"Eu, longe de vocês, meus filhos, me sinto sempre mal. Não tenho como curar esta dor. Sempre penso em ser um bom pai, mas sou inábil. [...] Fui muito bloqueado, a vida toda. Com força de vontade, sacrifício e renúncia, pude dar alguns saltos. O lado afetivo do meu espírito ficou pensando um tempão."*

A aposentadoria pelo A1 5 e o exílio, forçado pela falta de oportunidades de trabalho no Brasil, tiveram grande peso na vida do escritor. Numa das cartas enviadas à filha, em 1976, de Bloomington (EUA), ele lamenta: *"A coisa que mais tem acontecido em minha vida é mudar de casa e de ambiente. Imagine: já vivi em 30 (trinta!) lugares diferentes."* No prefácio, ele complementa: *"De volta ao Brasil, dediquei parte da vida à queda do governo de exceção. Com a idade e a experiência que acumulei, mal posso acreditar existirem pessoas amantes de golpes e de Estados totalitários. Amor e fraternidade florescem em nações soberanas, cultoras de liberdade."*

Fábio Lucas e Maria Luísa Ramos tiveram quatro filhos, todos ligados às artes: Rosana, a primeira, é professora aposentada da Faculdade de Letras da UFMG; Glaura é professora da Escola de Música da UFMG; Guilherme é músico profissional, com o nome artístico de Bill Lucas; e Maria Helena foi bailarina do Grupo TransForma e é professora do Grupo Corpo.

Glosas para o Decálogo de Quiroga

Fábio Lucas

[Horacio Silvestre Quiroga Forteza (31 de dezembro de 1879 / 19 de fevereiro de 1937) foi um escritor uruguaio famoso por seus contos, que geralmente tratavam de eventos fantásticos e macabros, na linha de Edgar Allan Poe, e de temas relacionados à selva, sobretudo da região de Misiones, na Argentina, onde Quiroga passou parte da vida. Sua vida foi bastante atribulada: a morte do pai quando ele tinha 4 anos, o suicídio do padrasto, a morte do melhor amigo com um tiro acidental disparado por ele, o suicídio da esposa e de seus 3 filhos. Sua obra mais famosa são os 'Cuentos de amor de locura y de muerte' (1917), na qual se encontra o célebre conto 'A Galinha Degolada'. Em 1937, após ter sido diagnosticado com câncer, Quiroga cometeu suicídio, ingerindo uma dose letal de cianureto. Ele escreveu 'Decálogo do perfeito contista', objeto dessa glosa de Fábio Lucas.]

Crê num mestre – Poe, Maupassant, Kipling, Tchekov – como na própria divindade.

Fábio Lucas: Toda obra se forma de limalhas de outras leituras. Os melhores contos guardam astuciosamente as mesmas marcas da paternidade, quer honrosas, quer desonrosas. Admiráveis são os mestres de Horácio Quiroga: Poe, Maupassant, Kipling, Tchekov. Que seria do perfeito contista brasileiro sem Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Murilo Rubião e J. J. Veiga?

Crê que sua arte é um cume inacessível. Não sonha dominá-la. Quando puderes fazê-lo, conseguirás sem que tu mesmo o saibas.



Fábio Lucas: A arte do conto é produto de uma construção. Paciente arquitetura de palavras e enredos. Dominar a matéria-prima será capacitar-se para ambicionar o ponto mais alto, de onde se descortina o sonho da perfeição. A finitude da capacidade humana declama na consciência dos mais ousados a lição da modéstia. Os arrogantes não sonham, pois já se julgam superiores.

Resiste quanto possível à imitação, mas imita se o impulso for muito forte. Mais do que qualquer coisa, o desenvolvimento da personalidade é uma longa paciência.

Fábio Lucas: Há modos criativos de imitar. Num deles repousa a reverência aos mestres. Bem conhecê-los será o melhor meio de se livrar da servidão e da dependência. No outro modo insere-se o veneno da crítica, combustível da paródia: ora se imita para divulgar, divertir-se, ora para por a nu a fraude ou a impostura. No âmbito da imitação vai-se da paráfrase até à sátira. Sempre homo additus naturae.

Nutre uma fé cega não na tua capacidade para o triunfo, mas no ardor com que o desejás. Ama tua arte como amas tua amada, dando-lhe todo o coração.

Fábio Lucas: O mais difícil para o escritor será admirar a própria obra com os olhos bem acesos, iluminados aos clarões do entendimento. A dor da criação é insuportável, mas tão irresistível quanto as astúcias do amor. Cair em tentação, no amor como na arte, independe do triunfo. Cego impulso.

Não começa a escrever sem saber, desde a primeira palavra, aonde vais. Num conto bem-feito, as três primeiras linhas têm quase a mesma importância das três últimas.

Fábio Lucas: Quiroga aqui é tão lúcido quanto E. A. Poe. Ter um só efeito predeterminado é lição insuperável. Todas as palavras da composição devem estar submetidas ao mesmo objetivo. Inutilia truncat.

Se queres expressar com exatidão esta circunstância – “Desde o rio soprava um vento frio.” –, não há na língua dos homens mais palavras do que estas para expressá-la. Uma vez senhor de tuas palavras, não te preocupa em avaliar se são consoantes ou dissonantes.

Fábio Lucas: Na personalidade de cada escritor existem palavras e expressões-chaves, recorrências, harmônicas ou não, que individualizam o estilo. É necessário que o leitor reconheça nos pormenores o arcabouço da peça inteira.

Não adjectiva sem necessidade, pois serão inúteis as rendas coloridas que venhas a pendurar num substantivo débil. Se dizes o que é preciso, o substantivo, sozinho, terá uma cor incomparável. Mas é preciso achá-lo.

Fábio Lucas: Da lição de H. Quiroga em favor das virtudes substantivas, e em desfavor das adjetivas, colhe-se a lição mais preciosa e o desafio mais temerário, quanto à descoberta do substantivo: “Mas é preciso achá-lo.” Há dois movimentos na escrita bem-afortunada: a procura e o achamento. O talento se junta ao esforço.

Toma teus personagens pela mão e leva-os firmemente até o final, sem atentar senão para o caminho que traçaste. Não te distrai vendo o que eles não podem ver ou o que não lhes importa. Não abusa do leitor. Um conto é uma novela depurada de excessos. Considera isto uma verdade absoluta, ainda que não o seja.

Fábio Lucas: Conduzir o protagonista com a mão firme e vontade decidida constitui tarefa do escritor determinado. Quiroga tem razão quando impõe: “Não abuse do leitor. Um conto é uma novela depurada de excessos.” Mas falta acrescentar que há contista cuja riqueza se acumula no subtexto ou nos motivos livres. Penso em Machado de Assis, que também manifestava horror a demasias. E em Clarice Lispector, que navegava em circunstâncias aparentemente insignificantes. A linguagem é como um rastro de pólvora em combustão, ilumina a busca e põe o protagonista no centro.

Não escreve sob o império da emoção. Deixa-a morrer, depois a revive. Se és capaz de revivê-la tal como a viveste, chegaste, na arte, à metade do caminho.

Fábio Lucas: Diz Quiroga, acertadamente: “Não escreve sob o império da emoção.” Quantas obras se perderam quando concebidas sob o calor dos acontecimentos. A emoção da escrita é construída, recolhida na tranquilidade, como queria o poeta. A da vida cotidiana é produto da vida não literária, fruto da vivência humana. A revivência escrita, está em Quiroga, não é o caminho todo: é metade do caminho. A outra metade poderá ser arte, se não passar de jornalismo, reportagem, crônica.

Ao escrever, não pensa em teus amigos nem na impressão que tua história causará. Conta como se teu relato não tivesse interesse senão para o pequeno mundo de teus personagens e como se tu fosses um deles, pois somente assim obtém-se a vida num conto.

Fábio Lucas: A décima lição de H. Quiroga induz o culto do real da escrita. Repugna a ele a escrita do real. Quando o contista se associa ao mundo de sua criação, adota a visão de uma de suas criaturas. Convive com elas. Respira o ar que oxigena a atmosfera artística.

“Quando o contista se associa ao mundo de sua criação, adota a visão de uma de suas criaturas.”

Ode a Araxá

(O lugar onde primeiro se avista o sol)

Renato Jardim

Juiz de Direito em Belo Horizonte

Alvissareira terra, generosa alma materna
Carregas o brilho do filho que a sublima
A cada manhã darás à luz quem ilumina
E do sol serás parturiente eterna.

Nos afagos férteis de um romance celestial
Tanta glória de teu opulento ventre brota
Curativas lamas, radioativa água da grotta
O sustento de teus filhos, a dádiva mineral.

No seio de teu bosque esplendor arquitetônico
Obra-prima inebriante, nada é incompleto
Quadro paragonável a um Egito faraônico.

A mim docemente acolhes de braços abertos
Abro também meu coração a teu afeto
Serás a parada de meus caminhos incertos.



Acalanto

José Maria Vieira Starling
Juiz de Direito, aposentado

Canto na madrugada
 Acalanto em adágio lento
 Canção tão delicada
 Noturna voz do vento

Canto em mansidão
 Entre flores na janela
 Velando o sono da noite
 E velando o sono dela

Canção que a adormeça
 Acima do bem e do mal
 Que toque seu sonho e a contente
 Numa carícia fatal

Carícia suave de pétala
 Espinho felino de flor
 Que sangre o mel do prazer
 No seu sonho de amor



Como se fosse o salmo 23

Llewellyn Medina

Desembargador do TJMG, aposentado

Quando jovem tive o Senhor por pastor
e então nada me faltava
caminhava galhardamente pelas ruas da acrópole
e meus pés eram ligeiros como os de um antílope
e não havia malefício que me inquietasse

primeiro alimentou-me o amor materno
suas palavras sábias tornaram-me nobre
e de elevados propósitos
havia então pureza de espírito em mim
e generosidade em minhas ações

depois tive braços carinhosos e tenros
que me cingiram com enlevo
e mãos sábias e prenhes de amor
que me fizeram descobrir os encantos do universo
que habitava em mim

minha jovem alma era leve e lampeira
podia seguir ligeira
pois a senda era ladeada por campos de girassóis
e cantos de regozijo ecoavam à minha volta
como se fosse o melhor de Mahler
pois o Senhor estava comigo

alimentava-me de mel e leite com fartura tal
que transbordava de meu cálice
havia bondade misericórdia e alegria de viver no mundo de
então
e amparo e aconchego para minhas costas
e nem os inimigos me invejavam
e cria que o mundo haveria de ser lugar propício para habitar
pois o Senhor estava comigo

minha jornada continua ainda
os pés sangram-me da aspereza do caminho
que já se anuncia apocalíptico
pois não sei para aonde me levará ao fim

os inimigos babam raivosamente em minha cerviz
sinto seu hálito pegajoso e doentio
já não há esperança para meu espírito cansado

braços e abraços esmaeceram na lembrança
que também foge pelo orifício da ampulheta

resta-me apenas a certeza do fim
que acolherá o que sobejar de mim
não sei se haverá sossego para esses dias
nem por aonde andaré o Senhor
que um dia foi o meu pastor.



Dois Poemas

Elson de Paula e Silva
Juiz de Direito, aposentado

Cigarras

A cigarra canta, canta
 e canta.
 por quem a cigarra canta!

é canto nuvem
 escuro cinza
 doído
 lá no fundo,
 agonia,
 instinto que chama,
 sempre sabe
 passageira do tempo,
 às vezes efêmera
 canta, acalanta
 e repete, não para,
 dispara,
 avisando,
 é cinza!
 é cinza!
 é cinza!
 alguma sombra no ar
 as cinzas se aumentam,
 se espalham...
 em poeiras
 repetem
 é muito cinza!
 é muito cinza!
 é muito cinza!
 por quem as cigarras cantam,
 por quem cantam as cigarras!
 cinzas que se vão,
 p'ro ano voltam
 em vão.

Odalisca

E la fazia o ventre dançar
 se soltando vibrante,
 dengosa, ritmada
 tudo remexendo!

E como agradava!
 Olhares que seguiam
 fixando curvas
 desnudas curvas
 um umbigo desaparecia
 e voltava
 o véu que o rosto cobria
 nunca tirava!
 E quem seria
 a odalisca incansável
 de muitos recursos,
 naquele dançar
 onde o corpo
 em cadência
 tremulava,
 seguindo dançava
 vibrante,
 constante,
 quase transe
 e ao Sultão visitante
 encantava!
 No olhar convidativo
 desafiava
 seduzindo Sultão
 que sinais fazia,
 insistia,
 chamava,
 e ela mais dançava,
 e caprichosamente
 o véu não tirava!



Dois poemas

José Arthur de Carvalho Pereira Filho
Desembargador do TJMG

Nascimento da poesia

Quem escreve o poema que escrevo?
 Seria eu ou outro que em mim habita?
 Quem sente em mim o rio que sinto?
 Quem arremessa pedras
 nos meus lagos rasos
 Que se tornam fundos
 Quando sublimam a essência do mundo?
 Quem em minha clausura
 Liberta os estilhaços do ser que em mim se fez?
 Quem dentro de mim
 Se confunde comigo
 Fazendo-me idêntico a amigo inimigo?
 Quem entre mim e eu
 Edificou
 Entre paredes enormes o que sou?
 (...)
 Quem escreve o poema que escrevo?
 (...)
 O poema que escrevo não é escrito
 Nasce
 Simplesmente

Quem sou!

Quem sou eu para clamar a liberdade
 Se vivo preso dentro de mim?



Três sonetos

Aluízio Alberto da Cruz Quintão
Desembargador do TjMG, aposentado

Ser soneto¹

Catorze versos de ordenadas rimas
como Petrarca lhe deu forma e cor;
soneto: espelho e canto de obras-primas,
"pequeno som" de muito amor ou dor!

Na cadência que trilha sons e climas,
brotando vão, em versos de valor,
quartetos burilados pelas limas
do apurado dom do artista-autor.

Tercetos dão toda sequência ao tema,
entrelaçando os versos do poema
que tem na fixa métrica a bandeira

de um sistema adequado ao sentimento
que a inspiração expressa, até o momento
da conclusão da estrofe derradeira.

Prece à justiça²

Supremo e puro bem que, sem favor, habitas
o coração divino, pela eternidade;
celestial essência que de amor palpitas,
nutrindo de esperança a pobre Humanidade!

Tu que dos céus à terra as bênçãos não limitas,
sinal do certo e justo, espelho da verdade,
rainha das virtudes cardeais benditas,
serena e meiga mãe da paz e da equidade!

A prece que, submisso a Deus que em ti venero,
te elevo nestes versos de louvor sincero,
recebe-a, qual clamor de quem se vê na liça

de ter que dar-te ao povo incrédulo e carente,
mostrar-te imparcial, segura e transparente
e não perder o dom de crer em ti, Justiça!

Tormento de amor³

De paz carente e sem ousar a guerra;
temendo espero e, ardendo, ao gelo passo;
aos céus eu subo, mas rastejo em terra;
nada apertando, o mundo inteiro abraço.

Tal a prisão que nexo algum encerra;
teu, não me reténs, nem desatas laço;
tu não me matas, nem as grades serra,
vivo não queres, nem me és embaraço.

Sem olhos, vejo e, sem ter voz, eu grito;
por morte eu clamo e luto pela vida;
ódio me tenho, sou do amor refém.

Sustenta-me a dor, sofro e rio, aflito;
apraz-me a vida e a morte me é querida!
Se assim me sinto é só por ti, meu Bem!

¹ Conceito e estrutura do soneto.

² Francesco Petrarca, poeta e humanista italiano (1304/1374), é considerado inventor do soneto, de forma clássica.

³ Versão livre do soneto no 104 - Pace non trovo e non da far la guerra - um dos 317 com que Petrarca cantou seu amor a Laura.





De repente abriu-se a janela

Fernando Armando Ribeiro
Juiz do TMMG

De repente, abriu-se a janela. Sim, era esse o grande sentido. Só agora conseguira colocar o conselho do professor em sua exata dimensão.

Foram tantos meses de dedicação e trabalho, tantos dados técnicos lidos, decorados, entendidos, tanto tempo buscando o ângulo perfeito sob a luz ideal. Reuniões com colegas, viagens de trabalho, livros, tudo consumido tão avidamente em busca do domínio do complexo sistema das técnicas fotográficas. Meses atrás aquelas informações lhe pareciam um monte Everest, em cujo cume estava fincado o sentido profissional e existencial que agora iria nortear sua vida.

Ser fotógrafo sempre lhe pareceu algo encantador, com o qual desde o ginásio tivera afinidade. Mas após ter sido demitido do banco, tornou-se mesmo sua salvação. Contudo, a memória lúdica que sempre guardou dos cliques fotográficos parecia dissipar-se à medida que se envolvia profissionalmente com a fotografia.

– Que diabos, isso está me parecendo Física!

Passou a se lembrar da sensação de desconforto que sentia nos tempos de escola a cada para-casa incompleto, cada ponto perdido, cada recuperação. Elementos que, no futuro, qual o guardião do conto de Kafka, bloqueariam definitivamente seu acesso a uma grande universidade pública.

Deparava-se novamente com as mesmas dúvidas, agora tingidas por um quase desespero.

– Preciso viver! Ou ao menos sobreviver. Terei de pedir pensão à ex-companheira? Como pagarei os mínimos e naturais desejos de meu filho? – indagava-se angustiado.

Caso o investimento já não tivesse sido tão grande, Cássio teria abandonado a ideia de se tornar fotógrafo logo após aquela última entrevista. Foram meses de renúncia, estudos, cursos, viagens, entrevistas e reuniões sem fim. Estivera tão atento aos cálculos de ISO, às relações entre a velocidade do obturador e a abertura do diafragma, às nuances e variáveis da luz, que nem sequer notara a mudança de dentição do filho. Para acompanhar as constantes inovações tecnológicas, teve gastos consideráveis na compra e troca de equipamentos. Antes de buscar Mateus na casa da mãe na tarde daquela sexta-feira, rascunhou brevemente números para estimar o prejuízo possível.

– Isso é demais! Inaceitável, disse. – Como deixei que chegasse até aqui?

O fim de semana com o filho lhe causava temores. Seria a pausa forçada no necessário mergulho em apostilas e sites que se tinha prometido ler.

– Não vou ter tempo de aprimorar minha técnica para a próxima entrevista, pensou, angustiado.

A silhueta do fracasso já se desenhava no horizonte.

Mateus era um menino esperto e bastante sensível. Sempre adorou atividades ao ar livre e amava sobretudo os piqueniques com o pai. Assim, naquele ensolarado domingo de maio, Cássio não teve como recusar o piquenique na Praça da Liberdade. Desde o momento em que pararam no mercado para escolher as guloseimas, Mateus não parou de tecer comentários curiosos

sobre as condições de cada fruta, dos queijos e pães. O menino era de fato muito inteligente e observador, pensou o pai.

A manhã transcorreu agradável, iluminada e alegre. Talvez nunca tenham estado tão próximos quanto estendidos ali na grama, desfrutando do suave sol de outono. Entre caminhantes, corredores, cães e namorados, vez por outra um deles soltava um comentário engraçado sobre alguma circunstância ao redor. Quando já estavam prestes a recolher as coisas para partir, o menino pediu ao pai que lhe fizesse uma foto.

– Onde? Perguntou Cássio.

– Perto daquelas plantas ali! Respondeu o garoto, apontando para um belo canteiro de gérbereas.

Num movimento lento, e com evidente desconforto, Cássio voltou-se para pegar a câmera, como quem se reencontra com um passado que preferiria esquecer. Aproximou-se então do local onde estava o filho e, ajoelhando-se com esmero, fez os ajustes necessários ao ambiente.

– Um, dois, três, sorria! Disse Cássio por impulso, pois o garoto já escancarava um aberto sorriso em que ficava evidente a falha em seus dois dentes frontais.

– Acho que alguém está ficando banguela!? Observou o pai. – Pronto! Acho que ficou ótima. Veja!

O olhar desencantado do menino deixou-o perplexo. Será que até mesmo uma criança de seis anos era capaz de perceber minha incompetência fotográfica? Pensou o pai desapontado.

– Pai, pode fazer outra?

– Ok, claro, vamos lá. Onde dessa vez?

– Aqui mesmo.

– Ok. Está preparado? Sorria!

Qual não foi sua surpresa ao ver o olhar perdido e triste de Mateus quando mostrou-lhe a foto na tela da máquina. O que haverá de errado, pensou, sentindo a angústia crescer no peito.

– Papai, faz uma outra por favor?

– Tudo bem, mas quem sabe em outro lugar.

– Não papai, eu quero aqui mesmo!

Desta vez, antes de se abaixar, Cássio gastou um longo tempo conferindo minuciosamente a regulação de ISO e de velocidade da câmera. O que será que está errado?, perguntava-se sem cessar. Antes de clicar, usou todas as técnicas que tinha aprendido sobre posições e controle de respiração.

– Três, dois, um, sorria! As cores agora pareceram-lhe perfeitas, contudo, a decepção jorrava pelas faces do garoto.

– Pai, você não percebeu que estas plantinhas também têm uma janelinha igual à dos meus dentes?

Abrindo os olhos com incredulidade e estupefação, Cássio só então observou a nítida falha na conformação das plantas. Como tal detalhe pudera passar despercebido?

Sentindo um tremor e alegria percorrer seu corpo, disse:

– Fique aí de novo meu filho, papai vai fazer sua foto!

O mistério e o fascínio tinham voltado. A câmera tornou-se de novo seu brinquedo. Segurando-a quase num afago, olhou pelo diafragma, e a janela novamente se abriu.

Patrimônio de Minas, águas minerais são fonte de renda e de cura, sem milagres

Conhecidas por epítetos como “*ambrosia dos deuses*”, “*águas virtuosas*” ou “*águas santas*”, por seus poderes terapêuticos, as águas minerais de Minas Gerais, em especial as do sul do Estado, responsáveis em grande parte – ao lado dos cassinos – pelo desenvolvimento da região nas primeiras décadas do século passado, se viram relegadas a segundo plano durante muito tempo e só há poucos anos voltaram a despertar a atenção do mercado e dos governos.

As cidades de Cambuquira, Lambari, Caxambu e São Lourenço, por exemplo, em que as fontes começaram a ser exploradas em meados do século XIX, viveram momentos de fausto e riqueza nas primeiras décadas do século XX, quando atraíam autoridades e personalidades para as tradicionais “estações de água”. As duas últimas, inclusive, chegaram a receber voos comerciais regulares semanais procedentes principalmente do Rio de Janeiro, então capital do país.

Há notícias sobre a descoberta das fontes ainda no século XVIII, em narrativas esparsas sobre as bandeiras dos conquistadores paulistas por aquela região, na trilha do chamado “Caminho Velho”, hoje parte da “Estrada Real”. Os registros mais precisos, no entanto, aparecem apenas no início do século XIX. Acredita-se, inclusive, que o naturalista Karl Fredrich Philipp von Martius, em passagem pela região em 1818, seja o autor de um estudo sobre as aplicações terapêuticas de uma fonte de água encontrada quando esteve hospedado na fazenda “Caxambu”.

O médico Manuel Joaquim Pereira de Magalhães (1814-1902), que clinicou na região por cerca de 50 anos e é um dos pioneiros da aplicação no Brasil da Crenologia, que é o nome do tratamento com uso das águas minerais, acredita que é de von Martius a receita dada a um homem portador de hepatite crônica: “*Não é preciso ir à botica; faça uso da água santa que ela o curará. Assim foi feito e o doente ficou curado*”, registra o médico em artigo publicado no jornal local “*Amor ao Progresso*”, em 16 de janeiro de 1876, resgatado pela historiadora Maria de Lourdes Lemos, no livro “*Caxambu: de Água Santa a patrimônio estadual*”.

O certo é que as propriedades “milagrosas” das fontes surgidas se espalharam e passaram a atrair “doentes de toda espécie, principalmente morféuticos que se banhavam na fonte afugentando os demais usuários”, conforme o relato de Maria de Lourdes Lemos. A captação dessa fonte, no povoado das “*Águas Santas de Baependi*”, primeiro nome de Caxambu, era rudimentar, mas, “*multiplicadas as curas, propalados os casos, o povo ampliou a qualidade das águas, fazendo-as milagrosas. Não houve doente incurável que deixasse de pensar em vir tomá-las, entre 1830 e 1840*”, ainda segundo a mesma autora.

A busca pelos poderes curativos da água mineral de Caxambu – e de todas as demais – ganhou estímulo expressivo

quando a Princesa Isabel, vinte anos antes de assinar a Lei Áurea, permaneceu um mês no povoado que deu origem à cidade, “*submetendo-se a um tratamento com as águas ferruginosas, na expectativa de engravidar*”. Ela esteve ali de 17 de novembro a 17 de dezembro de 1868 e, embora seu primogênito Pedro, o Príncipe do Grão Pará, tenha nascido apenas sete anos mais tarde (em 15 de outubro de 1876), a gravidez foi atribuída aos poderes da água.

Já no século XX, o ditador Getúlio Vargas era frequentador assíduo de São Lourenço, em seus períodos de férias, havendo na cidade diversos registros de sua passagem por lá, inclusive um exemplar de pau-brasil plantado por ele no Parque das Águas local. No livro *Tierras de agua – Um viaje iniciático a las fuentes del agua mineral*, da Editora Textuel, que focaliza as principais fontes do mundo, as autoras Dorothée Lagard e Fabienne Waks afirmam: *Em los años treinta y cuarenta, todos aquellos que aspiraban a ser alguien en Brasil debían ‘dejarse ver’ em el parque de São Lourenço.*

Origens coloniais

Embora haja registros anteriores, a formação dos povoados que deram origem às estâncias do Circuito das Águas, tanto as do sul de Minas quanto a de Araxá, está fixada em meados do século XIX.

O Arraial de Cambuquira, por exemplo, foi criado em 1872, como distrito de Campanha, embora muito antes já atraísse muita gente em busca das propriedades terapêuticas de suas águas. Em 1894, foi inaugurada a estrada de ferro, levando progresso e expandindo a população e o município foi criado no dia 12 de maio de 1909. Antes, a cidade adotou os nomes de São Sebastião de Cambuquira e Águas Virtuosas de Cambuquira.

Em Lambari, as águas minerais teriam sido descobertas em 1780 pelo fazendeiro Antônio de Araújo Dantas, que encontrou nascentes em terrenos que havia comprado aos pés da serra que separa a estância de sua vizinha Campanha da Princeza. O povoado foi fundado em 1834 pelo médico inglês Thomaz Crockane, que, radicado em Campanha, se interessou em clinicar com o uso das águas. Daí então, se mudando para o lugar das fontes, mandou erigir as primeiras casas de hospedaria e repouso para quem buscava cura nas “*águas santas*” ou Águas Virtuosas, como ficou mais conhecida.

Embora haja controvérsias, a historiadora Maria de Lourdes Lemos fixa em 1843 o início de formação do povoado de Águas Virtuosas de Baependi que deu origem à cidade de Caxambu, nas fraldas do morro com o mesmo nome. O povoado, aliás, se

forma a partir das obras de beneficiamento das águas, cuja procura já era muito intensa.

A formação de São Lourenço tem início ainda em 1675, quando o desbravador português Lourenço Castanho Tazques expulsa os índios Cataguases que habitavam a região e cria um modesto assentamento, com o nome de Pouso do Lourenço. A descoberta de um manancial de água “*borbulhante e translúcida*” se dá em 1835, por Antônio Francisco Viana, filho de um dos proprietários da fazenda onde hoje se localiza o Parque das Águas. Ele dá ao manancial o nome de Águas Santas do Viana. Em 1890, o comendador Bernardo Saturnino da Veiga cria a primeira empresa para exploração das águas e já no início do século XX o empresário Afonso França adquire as terras e dinamiza a exploração. Ao contrário das demais estâncias, a exploração das águas da cidade jamais foi entregue ao setor estatal.

Fora do sul de Minas, mas também integrante do Circuito das Águas, Araxá, no Triângulo Mineiro, recebeu seus primeiros moradores entre 1770 e 1780, atraídos pela exploração do ouro. Posteriormente, com a decadência da mineração, esses moradores dedicaram-se à criação de gado. A descoberta da fertilidade da terra e o sal mineral nas águas fez com que o povoamento de Araxá se intensificasse. Araxá é a cidade mais antiga de todo o Sertão da Farinha Podre, isto é, todo o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Diferentemente das demais cidades do circuito, que ganharam notoriedade pelas propriedades medicinais do consumo da água, as águas de Araxá se notabilizaram pelos banhos, também com poderes terapêuticos.

A fama da cidade deve-se também, em grande parte, à história de Dona Beja, uma cortesã de grande beleza, que encantava os homens e disso se aproveitou para fazer fortuna. A lenda conta a existência de uma “Fonte da Jumenta”, água miraculosa, que concedia juventude, saúde e beleza a Dona Beja e onde ela banhava-se todos os dias.

Importância econômica

Para além de sua importância histórica, cultural, turística e como fonte de saúde, as águas minerais brasileiras, em especial as mineiras, possuem grande importância econômica. O “*Estudo diagnóstico das águas minerais e potáveis de mesa do Brasil*”, publicado em 2015 pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), sob a coordenação dos geólogos Emanuel Teixeira de Queiroz e Cristine Hortência Coutinho Pontes, revela, entre outros, os seguintes dados:

Ao longo dos últimos quinze anos, a produção de água mineral e potável de mesa no país saltou de menos de 4 bilhões

de litros, em 1999, para mais de 10 bilhões de litros em 2014. Essa evolução, superior a qualquer outra categoria de bebida, acompanhou a tendência mundial de valorização da água mineral como o produto em maior coerência com os valores de consumo da vida moderna, graças aos seus benefícios à saúde e ao bem-estar.

O valor estimado da produção mineral brasileira em 2011, compreendendo os minerais metálicos, não-metálicos, gemas e energéticos (carvão mineral e turfa), ficou acima dos R\$ 95,8 bilhões. Isoladamente, o segmento de água mineral contribuiu com mais de R\$ 1,69 bilhão para o total da receita nacional de bens minerais produzidos no citado ano.

A água mineral é a oitava entre as dez primeiras substâncias minerais brasileiras, em valor de produção, que respondem por 89% do total da receita da produção mineral.

A receita estimada proveniente da produção de água mineral e potável de mesa, em 2011, representou perto de 90% do valor da produção de alumínio (bauxita), em torno de 85% do valor da produção de calcário, pouco acima de 48% do valor da produção de cobre, pouco mais de 39% do valor da produção de ouro, 27% do valor da produção de níquel e pouco mais de 2,7% do valor da produção de ferro.

Em termos de produção, Minas Gerais, em 2012 (ano-base 2011), registrou a terceira posição em relação aos demais estados da região Sudeste com um volume acima de 350 milhões de litros.

As estimativas oficiais de consumo per capita de água mineral no Brasil indicam grande crescimento nos últimos anos e fixam em 87 litros de consumo per capita em 2010. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Água Mineral, o padrão europeu de consumo é de 220 litros per capita.

Em 2011, o Brasil passou a ocupar a quinta posição no ranking mundial de produção e consumo de águas minerais, superando países desenvolvidos como Bélgica, Áustria, Suíça e Espanha, entre outros.

Concentra-se em Minas pouco mais de uma centena de áreas de produção de águas minerais, a grande maioria confinada na metade sul do território mineiro.

Exploração estatal, com exceção

A exploração das águas minerais em Minas Gerais tem sido feita predominantemente pelo poder público. Durante longos anos, ela esteve entregue à empresa estatal Hidrominas, que administrava também uma rede de hotéis e os parques. Mais tarde, o Estado transferiu a concessão à Super Águas, uma subsidiária da empresa Supergasbrás, que acabou renunciando

à concessão. O Estado entregou, então, a concessão à Copasa, que criou uma subsidiária para este fim, e mais tarde a repassou à Codemig, que é a atual detentora da concessão das fontes de águas minerais das marcas Araxá, Caxambu, Cambuquira e Lambari. Em fins de 2017, a Codemig abriu edital para repassar à iniciativa privada a exploração das águas minerais em Caxambu e Cambuquira, processo que ainda não estava concluído no fechamento desta edição.

Ao contrário das demais estâncias, a exploração das águas minerais de São Lourenço esteve sempre a cargo da iniciativa privada. O direito de exploração foi vendido ao grupo Perrier, mais tarde incorporado pela **Nestlé Waters**, que assumiu em 1992 a gestão do Parque e do envasamento das águas. A empresa enfrentou problemas no relacionamento com a comunidade da cidade quando uma das fontes – a magnesiana – secou e cresceram boatos de que todo o aquífero estava secando. A fonte magnesiana foi recuperada, embora com vazão menor, e a empresa garante que “*vem trabalhando para a preservação e melhoria*” dos mananciais e do parque.

No final de março, a Nestlé divulgou comunicado informando a venda de seu ‘negócio de Águas no Brasil’, incluindo a São Lourenço, para o Grupo Edson Queiroz, que já detém o controle das águas Indaiá e Minalba.

A cura pelas águas, sem milagre

Cercados de um misto de desconhecimento e exageros, o tratamento e a prevenção de doenças pelo uso de águas minerais têm base científica e são oficialmente reconhecidos no Brasil desde 2006, quando foram regulamentados pela Portaria nº 971, do Ministério da Saúde, que incluiu o Termalismo e a Crenoterapia na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), reconhecendo essas terapias alternativas como “*eficazes para a prevenção de doenças, promoção e recuperação da saúde*” e autorizando sua adoção pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

A Portaria também buscou estimular a ampliação do acesso a esses serviços na rede pública, embora sem muito sucesso, pois são raros os serviços que os oferecem, mesmo nas cidades sedes das fontes. A recomendação técnica é que o tratamento crenoterápico, que consiste em ficar 21 dias ingerindo água mineral, deva ser feito sob orientação médica e na própria fonte, pois a água perde parte de seu poder curativo, se estocada por vários dias.

Em artigo publicado no site Dom Total, o coordenador do curso de Engenharia Química da Escola Superior de Engenharia de Minas Gerais (EMGE), professor Luiz Carlos Angrisano, informa que “pesquisas científicas, contemporâneas, comprovam os poderes das águas minerais e termais no alívio de doenças como: sinusite, reumatismo, problemas respiratórios em geral, alergias, hipertensão arterial, anemia, inflamações na garganta, hanseníase, câncer, cálculos renais, ácido úrico e gordura no fígado”, entre outras doenças.

A médica Maria Celina Darge de Mattos é uma das poucas profissionais que se dedicam à especialidade em Minas Gerais, na clínica Shanti, em São Lourenço, e na Pousada “Oásis do Caminho”, que mantém em Aiuruoca, também no sul de Minas. Ela é citada pelo professor Angrisano como pioneira no emprego da Crenoterapia através do SUS, já tendo tratado mais de 80 pacientes, “*com excelentes resultados*”.

Graduada pela Faculdade Souza Marques, do Rio de Janeiro, com especialização em Pediatria e Homeopatia, a médica informa que tem conseguido resultados significativos para diversas moléstias, entre as quais as úlceras pépticas, o excesso de ácido úrico e o refluxo, todas reversíveis ou controláveis com uso da

água alcalina. Outro exemplo citado é o uso da água magnesiana no tratamento da gordura no fígado, que ela aplicou no próprio marido. Relata, ainda, tratamento de paciente com esquizofrenia com uso da água carbogasosa e até a cura de um caso de câncer, além do uso rotineiro da água no controle de diarreias.

Ela defende a aplicação desse tratamento no sistema de saúde público do país, mas lamenta as dificuldades existentes para sua disseminação, apesar de ele ser de baixíssimo custo e abranger o lado emocional dos pacientes livrando-os de hospitais, cirurgias, medicações e seus efeitos colaterais e infecções indesejadas.

Radicada no sul de Minas há quase trinta anos, a médica Celina de Mattos inclui entre as dificuldades a inexistência de disciplinas específicas nos cursos de graduação e de programas de especialização, disponíveis apenas na Espanha e na Romênia, o que impede a formação de mais profissionais especializados. Outra dificuldade, diz, está no fato de que, embora a água seja dada pela natureza, o custo do tratamento fica elevado com a duração de 21 dias, o que exige despesas com hospedagem para os não residentes e pagamento de ingressos relativamente caros nos parques das águas, no caso dos moradores locais.

“A recomendação técnica é que o tratamento crenoterápico, que consiste em ficar 21 dias ingerindo água mineral, deva ser feito sob orientação médica e na própria fonte, pois a água perde parte de seu poder curativo, se estocada por vários dias.”

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológicos.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.

A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (*Forest Stewardship Council*®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.



Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro
Belo Horizonte . MG
CEP 30310-160
Tel.: 31 3079-3453
magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br

Apoio Cultural



A Melhor Energia do Brasil.



No parque de São Lourenço, escultura homenageia a deusa das águas. Aquarela de Sandra Bianchi.